

letra

o jornal do alfabetizador



BELO HORIZONTE, JANEIRO/JULHO DE 2023

ANO 19, EDIÇÃO ESPECIAL



MAGDA SOARES:

um legado em muitos gêneros



Foto: Acervo Ceale

O LEGADO DE MAGDA SOARES



ISABEL CRISTINA FRADE e GILCINEI CARVALHO
professores da Faculdade de Educação da UFMG,
pesquisadores do Ceale e editores pedagógicos do
Letra A

Magda Soares é uma das intelectuais contemporâneas que mais contribuiu para o debate sobre alfabetização no Brasil. Todos reconhecem esse seu lugar de influência e várias foram as homenagens e os prêmios que recebeu durante a vida. Suas obras didáticas e acadêmicas registram um legado que expressa a coragem de assumir posições e propostas marcadas por uma ação política pela escola pública de qualidade. Sua herança de engajamento é conhecida e reverenciada, inspirando a todos que lutam contra a desigualdade social e a favor de uma alfabetização de qualidade e de uma escolarização adequada dos saberes escolares.

Magda, em toda a sua trajetória, manteve posições políticas na defesa dos saberes das camadas populares, da diversidade e da igualdade. No seu percurso intelectual, apropriou-se de autores que explicaram a origem das desigualdades sociais, divulgando-os e denunciando o modo como a escola perpetuava (e perpetua) as diferenças de classe, a ideologia do dom e a meritocracia. Seu livro *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* continua um clássico, apesar de ela ter lamentado a permanência de um cenário de desigualdades em nosso país. A divulgação que fez do conceito de letramento no campo da educação e a reinvenção da alfabetização, que retoma em articulação com o letramento, em sua última obra, mostram que sua linha argumentativa priorizou uma perspectiva social e uma ética a favor das crianças que aprendem e dos professores que competentemente ensinam.

Magda era incansável na busca de referências: “uma leitora voraz”, como se autoidentificou. Nessa busca, ampliava e adensava campos de estudo e pesquisas, incorporando uma dimensão multifacetada para a compreensão das práticas de

leitura e de escrita. Em seu livro “*Meta-memórias*”, ela nos conta como ampliou suas referências teóricas e reviu seus quadros explicativos, em um movimento que chamou de espiral ou de “retificação progressiva de sistemas de referência”. Importante lição de uma intelectual que tem conhecimento da complexidade do seu objeto de estudo e, principalmente, reconhece a necessidade de transitar por diversas disciplinas acadêmicas.

Este número especial do Jornal *Letra A* celebra a vida de Magda Soares, registrando vozes que ecoam suas ideias, na efervescência de um diálogo ininterrupto. As histórias singulares que as pessoas e os grupos viveram com ela são inúmeras e foi isso que tentamos destacar nesta edição. Mesmo que pontualmente, sinalizamos a repercussão de suas pesquisas, de sua ação política, de sua intervenção pedagógica, de suas formas de ler e de escrever, de seus modos de conviver, capturados pelo olhar de diferentes intelectuais, colegas/professores, alunos, familiares e amigos. Com muito afeto e responsabilidade, continuamos nossa interlocução com a professora Magda Soares, rememorando uma bela história vivida e atualizando, no nosso cotidiano, um legado de luta por uma educação de qualidade.

O CEALE deve a ela a sua existência. Ela nos deixou plenos, com suas ideias, ações e modos de ver o fenômeno da alfabetização, da leitura e da escrita na sociedade. Nós, cealenses, tivemos o privilégio de conviver com uma amiga e intelectual que sempre incentivou nossa autonomia e nos deu lições de afeto e de humildade. Seu legado é e será fonte de inspiração para muitas gerações, pois revela e reforça os princípios éticos e epistemológicos necessários para pesquisar e agir, na busca de uma alfabetização e letramento emancipatórios para todos!

EXPEDIENTE

Reitora da UFMG: Sandra Goulart Almeida | Vice-reitor da UFMG: Alessandro Fernandes Moreira | Pró-reitora de Extensão: Cláudia Mayorga | Pró-reitora adjunta de Extensão: Janice da Silva Amaral | Diretora da FaE: Andréa Moreno | Vice-diretor da FaE: Vanessa Ferraz Almeida Neves | Diretor do Ceale: Gilcinei Carvalho | Vice-diretora do Ceale: Daniela Montuani | Editores Pedagógicos: Gilcinei Carvalho, Isabel Cristina Frade | Editora de Jornalismo: Luiza Rocha (22429/MG) | Projeto gráfico: Erick Moraes | Diagramação: Erick Moraes | Reportagem: Luiza Rocha e Davi Alfeu | Revisão: Lúcia Helena Junqueira | Colaboração: Adelma Mendes, Aparecida Paiva, Carlos Augusto Novais, Carlos Roberto Jamil Cury, Cecília M. A. Goulart, Cláudia Maria M. Gontijo, Francisca Maciel, Isabel Cristina Frade, Janair Cândida Cassiano, José Francisco Soares, Leonor Scliar-Cabral, Maria R. L. Mortatti e Rildo Cosson.

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale) é um órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha - CEP 31 270 901 Belo Horizonte - MG. Telefones (31) 3409 5334 / 3409 5333 www.ceale.fae.ufmg.br

ENVIE SUAS CRÍTICAS E COMENTÁRIOS À EQUIPE DO *LETRA A*.
ESCREVA PARA JORNALISMOCEALEUFMG@GMAIL.COM OU LIGUE (31) 3409-5334.

o Ceale pelo Brasil

Livro de Magda Soares é referência para projetos de formação

Por Davi Alfeu

Uma das atividades mais importantes realizadas pelo CEALE são os eventos de formação de professores para docência em alfabetização e letramento. Já realizados em diversas cidades, esses eventos buscam consolidar uma formação em rede por meio de ações coletivas nas instituições de ensino. Recentemente, um dos principais materiais de apoio para essas intervenções, sem nenhuma surpresa, são as obras de Magda Soares.

A educadora sempre afirmou a importância de se trabalhar com professores da educação básica para a construção de diálogos produtivos entre conceitos fundamentados em abordagens mais teóricas e desafios da prática de ensino que se apresentam no cotidiano das escolas. Começando em 2007, Magda liderou um projeto em Lagoa Santa-MG, onde trabalhou em conjunto com os profissionais do Ciclo de Alfabetização e Letramento do município. O projeto resultou em ganhos significativos, evidenciados quer pelo aumento, ano após ano, dos índices de qualidade da educação local, quer pela criação de um Núcleo de Alfabetização e Letramento na Secretaria de Educação (composto por representantes de todas as escolas da rede municipal). Como registro reflexivo, a professora publicou o livro *Alfalettrar*, em 2020, que se compromete a mostrar como toda criança pode aprender a ler e a escrever.

As ações de formação do CEALE, ao tomar como referência o livro *Alfalettrar*, não visam repetir um modelo, mas dialogar com as diversas experiências locais e, nesse sentido, a obra *Alfalettrar* é um guia, uma fonte de inspiração e de problematização, dada a sua natureza reflexiva.

Essa apropriação é coerente com o que pensava Magda Soares. A intenção, como escreve a própria Magda na introdução da obra, é de que educadores de todo o país utilizem o livro como guia para recriar a experiência de Lagoa Santa-MG. Com isso em mente, o CEALE desenvolveu parcerias com diversas prefeituras e secretarias de educação em todo o país para realizar diferentes ações formativas que tomam como ponto de partida as especificidades e a história de cada rede de ensino. O diretor do CEALE, professor Gilcinei Teodoro Carvalho, destacou sobre as iniciativas “o desejo autêntico de estabelecer um diálogo próximo com o cotidiano das escolas e com os saberes dos professores, exatamente no espírito de compartilhar”. Sua fala encapsula bem o espírito dessas formações, que buscam não apenas “ensinar” os professores, mas também incorporar suas experiências e observar como são alteradas pelo conhecimento que adquiriram ao longo do curso (e como essas experiências se agregaram a ele). Para ilustrar essa dinâmica de parcerias, são relatadas algumas das ações mais recentes.

Rio de Janeiro/RJ

Nos dias 18 e 19 de julho de 2022, o CEALE recebeu vinte e dois profissionais da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro para o seminário “Percurso Formativos em Alfabetização”. O encontro, realizado em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação do Rio, também contou com a presença de diversos diretores e coordenadores pedagógicos das Unidades Escolares do município.

O seminário marcou a volta dos eventos presenciais do CEALE. Nas palestras, foram apresentados diversos projetos desenvolvidos por professores-pesquisadores do CEALE, como o Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita Digital (Nepced). Durante o último dia de atividades, a própria Magda Soares teve uma importante participação (ainda que remotamente) para falar um pouco sobre o ALFALETRAR e o seu impacto na rede de ensino de Lagoa Santa-MG. Fabiana Vieira, diretora pedagógica da SME do Rio de Janeiro, ao fim dos seminários, destacou que a formação foi importante ao oferecer “caminhos e estratégias que podem ser buscados, ideias para que a gente possa colocar em prática no nosso cotidiano escolar e nas salas de aula juntamente com os professores”.

São Leopoldo/RS

O CEALE realizou um ciclo de conferências entre outubro e dezembro do ano passado em parceria com a Secretaria de Educação da cidade de São Leopoldo-RS. Os encontros ocorreram de forma remota, com palestras dos professores transmitidas pelo canal do *YouTube* da própria secretaria. As transmissões eram complementadas por discussões e grupos de estudo liderados por profissionais locais.

O ciclo demonstrou ser uma ótima oportunidade de construção coletiva de conhecimento. Os novos obstáculos gerados pela pandemia foram muito discutidos, mas também as novas ferramentas que poderiam auxiliar os educadores nessa nova etapa. Amanda Magro Fontana, uma das professoras que integram a equipe pedagógica da Secretaria de Educação, revelou o motivo de terem estabelecido a parceria com o CEALE: “a nossa convicção de que sim, todas as crianças e estudantes podem aprender a ler e a escrever, e que a escola, como instituição democrática, precisa garantir isso”.

São Gonçalo do Rio Abaixo/MG

Na região central de Minas Gerais, a cidade de São Gonçalo do Rio Abaixo também desenvolveu um projeto de formação entre abril e dezembro de 2022, com iniciativas educativas visando as turmas de 6 a 8 anos da rede pública. Ao longo do ano, foram realizados vários encontros, organizados por quatro módulos com diversos seminários, englobando temas variados relacionados à alfabetização. Participaram do curso docentes de oito escolas de São Gonçalo do Rio Abaixo, o que permitiu, pela cobertura de todas as escolas, uma reflexão sobre as políticas de alfabetização do município.

Na cerimônia de encerramento, a Secretária Municipal de Educação, Lucinda Imaculada de Barcelos Santos, reforçou que a base de uma sociedade começa pela alfabetização, destacando o uso social da leitura e da escrita, como defendido pela própria professora Magda Soares. Lucinda ainda destacou a importância da parceria e do trabalho em conjunto, afirmando que “a responsabilidade com a alfabetização deve ser acolhida por todos nós, docentes, gestores, Secretaria de Educação, Câmara, inclusive o CEALE [e outras] instituições formadoras. Esse acolhimento precisa ser um imperativo ético indispensável à construção de uma sociedade efetivamente democrática e socialmente justa”.

Belo Horizonte/MG

Na capital mineira, o CEALE contou com a parceria do Núcleo de Alfabetização e Letramento e da equipe Appia Infância da Secretaria Municipal de Belo Horizonte, para a realização da formação. O trabalho desenvolvido na rede municipal, uma das maiores do estado de Minas Gerais, em abril de 2021, período da pandemia e da retomada das aulas, com todos os professores e profissionais envolvidos com a educação infantil e com os anos iniciais, foi um desafio. O livro *Alfaletrar* foi um dos principais eixos da organização e Magda Soares fez a conferência de abertura. Usando a estratégia de dialogar com coordenadores pedagógicos, quando eram discutidos os conceitos e os procedimentos do livro *Alfaletrar*, em diálogo com o contexto e com os documentos orientadores da rede e com o que os formadores regionais e locais faziam nas escolas com seus colegas alfabetizadores, eram também problematizadas as formas de apropriação, dos modos de ler, as maneiras possíveis de praticar, com inspiração nas ideias contidas no livro de Magda Soares. No processo, foram desenvolvidas pesquisas sobre como os professores estavam recebendo a formação e os conceitos, propostas e materiais nela envolvidos. Suas necessidades específicas eram aprofundadas com os coordenadores pedagógicos e durante as conferências, ocasião em que os professores participavam ativamente, seja compondo a exposição com outro palestrante de fora, seja discutindo experiências entre si nos chats.

O encerramento ocorreu no dia 03 de junho de 2022, de forma remota, com o Seminário “ALFALETRAR EM BH: diálogos com saberes docentes”, quando os professores, autores de seus projetos, criaram documentação pedagógica sobre as experiências vividas e expuseram seus trabalhos para toda a rede. Na ocasião, a então Secretária de Educação de Belo Horizonte, Angela Dalben, agradeceu ao CEALE e à professora Magda Soares, “que sempre nos ensinou que nós temos que garantir um processo de alfabetização denso, profundo, que seja um processo que transforme as pessoas em leitores do mundo”.

A experiência de Belo Horizonte, irrepetível, pois carregada de singularidades e da cultura da rede municipal de Belo Horizonte, confirmou e reafirmou a concepção do CEALE: a de promover o processo de autoria dos professores e estabelecer um diálogo entre materiais, como o livro *Alfaletrar*, e as experiências e os anseios dos professores alfabetizadores.

MAGDA SOARES

Magda Becker Soares, renomada educadora, pesquisadora e professora universitária brasileira, é uma das maiores referências em alfabetização e letramento no país. Nascida em Belo Horizonte no dia 07 de setembro de 1932, Magda graduou-se em Letras Neolatinas em 1954, pela Universidade Federal de Minas Gerais, e tornou-se doutora e livre-docente em Educação pela mesma instituição em 1962, ano em que também começou a lecionar na Universidade. Entre 1965 e 1968, atuou como diretora do Colégio Universitário da UFMG, entidade que ajudou a fundar. Ainda em 1968, Magda participou da estruturação da Faculdade de Educação e, em 1970, da estruturação do curso de Mestrado em Educação. De 1977 a 1980, foi diretora da Faculdade de Educação da UFMG e, em 1990, idealizou e fundou o Centro de Alfabetização Leitura e Escrita, o CEALE.

Nos anos 2000, Magda Soares se aposentou e recebeu o título de professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, ainda atuando como pesquisadora e publicando livros sobre Educação. Em 2007, decidiu retornar às salas de aula do ensino básico por meio do projeto “Alfalettrar”, desenvolvido na Rede Municipal de Educação de Lagoa Santa-MG. Essa ação teve início com a criação do Núcleo de Alfabetização e Letramento de Lagoa Santa. Semanalmente, Magda coordenava reuniões em que as professoras representantes de cada escola refletiam sobre suas práticas e estabeleciam metas específicas para cada ano escolar, construindo uma proposta curricular para a rede.

Além de sua carreira como educadora, Magda publicou diversos livros, dentre coleções de livros didáticos, ensaios e livros acadêmicos. De suas produções, destacam-se: *Português através de Textos* (1967); *Linguagem e Escola – uma Perspectiva Social* (1986); *Alfabetização no Brasil: O Estado do Conhecimento* (1989); *Metamemória, Memórias: Travessia de uma Educadora* (1990); *Letramento: um Tema em Três Gêneros* (1998); *Alfabetização e Letramento* (2003); *Alfabetização: a questão dos métodos* (2016); *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* (2020).

Ao longo de sua vida, a contribuição de Magda Soares para a pesquisa em Educação foi reconhecida na forma de diversos prêmios e honrarias. Em 1989, recebeu o Prêmio da Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP). Em 2012, foi eleita Presidente de Honra da ABAlf - Associação Brasileira de Alfabetização e recebeu o troféu Paulo Freire durante uma cerimônia realizada na 35ª Reunião Anual da ANPEd, em Porto de Galinhas (PE). Em 2013, Magda também recebeu uma menção honrosa da Homenagem Cora Coralina durante a 36ª Reunião Nacional da ANPEd. Em 2015, a pesquisadora se tornou a primeira educadora e a terceira mulher a receber o Prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia (CNPq). Além disso, em 2017, Magda foi agraciada com o Prêmio Jabuti - Educação e Pedagogia por seu livro *Alfabetização: a questão dos métodos*.

Em 2022, aos 90 anos, Magda trabalhava em um novo livro sobre a utilização da literatura no ensino da leitura e da escrita, o qual não chegou a ser concluído. A professora faleceu no dia 1º de janeiro de 2023, na cidade de Belo Horizonte, onde residia com a família.

Centro de Alfabetização Leitura e Escrita

CEALE

O Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) é um órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino da língua portuguesa. As ações desenvolvidas pelo CEALE integram ensino, pesquisa, ação educacional e documentação.

O Centro surgiu a partir de uma pesquisa liderada pela professora Magda Soares, quando lecionava na Faculdade de Educação da UFMG. Interessada em fazer um levantamento de toda a produção acadêmica sobre alfabetização e letramento do país desde os anos 1950, Magda deu início à pesquisa Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento (ABEC), convocando professores da FaE, alunos da pós-graduação e bolsistas de iniciação científica para auxiliarem na coleta e na categorização do acervo. E, assim, formou-se o Núcleo de Alfabetização, Leitura e Escrita, embrião do que se tornaria o CEALE.

Com o tempo, o grupo foi se expandindo e agregando também professores da Psicologia e Letras que se interessavam pela discussão sobre alfabetização no país. Surgiram também parcerias com o Centro Pedagógico da UFMG e com as redes pública e particular de ensino.

Em 1990, nomeado pela Unesco o Ano Internacional da Alfabetização, a então diretora da FaE/UFMG Glaura Vasquez de Miranda conseguiu o financiamento para que o núcleo se transformasse em um centro de pesquisas e, em outubro do mesmo ano, foi fundado oficialmente o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, com Magda Soares na direção. O CEALE cresceu, ampliou suas linhas de pesquisa e ganhou novas instalações. Em 1994, a pequena sala onde aconteciam as reuniões semanais e que guardava pilhas de pesquisas impressas deu lugar a um prédio mais moderno, onde o CEALE funciona até hoje.

“Ainda na época do grupo e do núcleo de pesquisas, já havia muita demanda de órgãos públicos – e esse foi um dos fatores que nos motivaram a virar um centro. E a demanda na área da linguagem cresceu ainda mais após essa institucionalização. O MEC e as secretarias municipais e estaduais começaram a demandar mais e mais trabalhos de formação do professor. Essa é a característica básica do CEALE: a associação de pesquisa com a atuação junto às escolas e às redes de ensino. Depois disso, de repente, o que era um grupo de pesquisa cresceu e virou o que é hoje”, definiu, com orgulho, Magda Soares em 2015, na comemoração de 25 anos do CEALE.

Magda Soares e a pesquisa em alfabetização

COMO A EDUCADORA AJUDOU A MOLDAR O TRABALHO ACADÊMICO NA ÁREA DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Por Davi Alfeu

Que Magda Soares foi uma escritora prolifera e influente, cujas obras foram a base para a educação em língua portuguesa de inúmeros alunos pelo Brasil, já é um fato conhecido por quase todos. Suas contribuições para o ensino da língua, porém, não pararam aí. Além de seu trabalho junto a organizações, como o Ministério da Educação e a UNESCO, Magda Soares também foi uma das maiores contribuidoras para a pesquisa em alfabetização no Brasil.

No fim dos anos de 1980, Magda iniciou o projeto Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento (ABEC), que catalogou dezenas de artigos, teses e dissertações que abrangiam o tema, com o objetivo de integrar os diversos pesquisadores da área de alfabetização no país. A iniciativa começou como parte de um projeto maior: a Rede Latino-Americana de Informação e Documentação em Educação (Reduc), que envolveu diversas universidades e buscava estabelecer um estado da arte de diversos tópicos educacionais. A Reduc, financiada pelo Ministério da Educação, então designou a professora Magda para coordenar o ramo das pesquisas em alfabetização. A missão dada a ela não era simples: buscava as razões (ou pelo menos algumas delas) do fracasso das escolas públicas brasileiras em alfabetizar. Na época, mais de 50% das crianças ficavam retidas no primeiro ano do ensino fundamental por ainda não conseguirem ler ou escrever.

O acesso aos documentos necessários não era fácil, especial-

mente em uma época em que apenas o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) tinha as informações de identificação necessárias. Para auxiliá-la nessa tarefa, Magda recrutou algumas estudantes da Faculdade de Educação da UFMG como bolsistas. Uma delas era Francisca Maciel, hoje professora e coordenadora geral da pesquisa. Francisca conta que o maior desafio enfrentado na época era justamente o levantamento de dados, que muitas vezes dependia de diversos intermediários. “Fazíamos uma primeira referência bibliográfica e entrávamos em contato com a biblioteca [da FaE]. Ela então fazia o pedido para outras bibliotecas, que xerografavam o material e nos enviavam pelo correio”. Essa troca era feita através do Selo Comut (Comutação Bibliográfica), hoje já extinto. A professora ressalta que houve ocasiões em que elas nem tinham acesso aos trabalhos impressos, e que tiveram que ler os artigos por meio de microfichas (pequenos pedaços de filme usados para armazenar os textos).

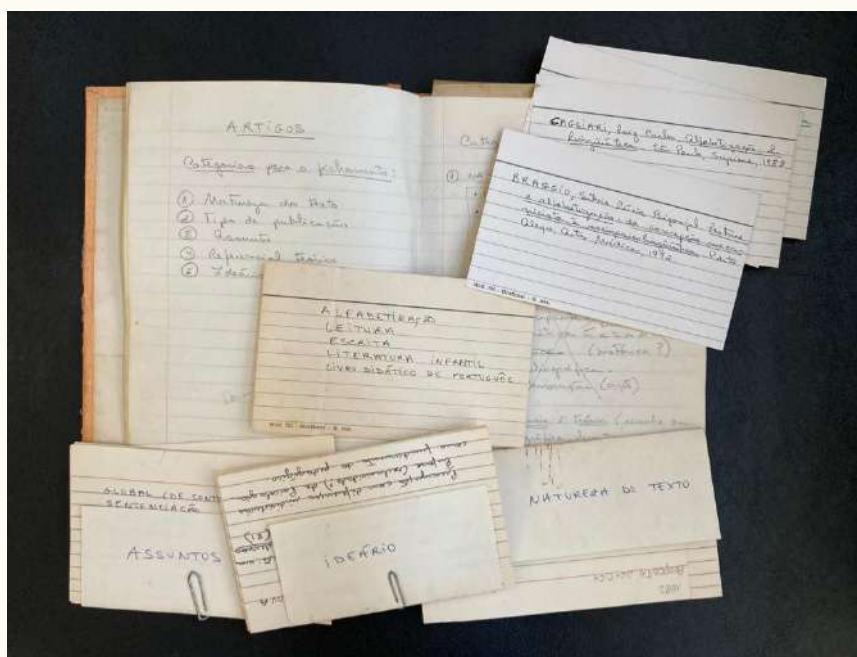


Foto: Acervo Ceale

Foi essa primeira fase da pesquisa que culminou na publicação, em 1989, do primeiro relatório da ABEC em que foram reunidos os trabalhos publicados entre 1954 e 1986. Mais de 180 foram analisados e divididos em categorias. A partir dessa categorização, foi possível construir uma percepção mais abrangente sobre a pesquisa em alfabetização naquela época: mais de um quarto dos trabalhos abordavam, de alguma forma, a questão da proposta didática e os métodos de alfabetização. Assim que foi publicado, o relatório se tornou referência para os pesquisadores do Brasil, e até hoje é o “mais completo arquivo da área do país”, como afirma Maciel. Soares e Maciel especularam que isso se devia a uma crença cada vez mais comum de que os métodos tradicionais usados no Brasil eram os responsáveis pelo fracasso da alfabetização.

segundo, e maior, relatório de pesquisa, abrangendo publicações de 1961 a 1989. As mudanças entre a primeira e a segunda versão são curiosas: observa-se um aumento no número de pesquisas englobando “determinantes de resultados” e uma diminuição dos que tinham foco em “métodos de alfabetização”..

Foi também nessa época, no final dos anos de 1990, que Magda se aposentou e delegou à professora Francisca a liderança da ABEC, lugar que ocupa até hoje. Desde então a pesquisa se mantém ativa, agora também incluindo pesquisadores de outras instituições, com previsão de publicar outro relatório em futuro próximo. A coordenadora geral diz que os maiores desafios enfrentados no momento são os de “reafirmar o compromisso de dar visibilidade às pesquisas da área de alfabetização e atualizar o acesso à base de dados, que está muito defasada”.

A Profa. Francisca Maciel avalia que sempre posicionou a “Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento” como um reflexo da natureza coletiva da pesquisa acadêmica. Relembra como Soares sempre dizia aos seus orientandos que “sua pesquisa não será um holofote”, e sim uma peça que irá ajudar a construir o conhecimento científico. Destacar a história e a importância da ABEC é cada vez mais importante, ainda mais tendo em vista as discussões em torno da Política Nacional de Alfabetização colocada em vigor em 2019, que

simplesmente ignorou a robusta produção nacional na área.

Nesse cenário de mapeamento das inúmeras pesquisas na área de alfabetização, a relevância de um arquivo tão extenso é imensurável e, sem sombra de dúvidas, foi um dos maiores legados deixados por Magda. Afirmarções que são apoiadas por Maciel, que conclui: “A minha formação enquanto professora, pesquisadora, orientadora, eu devo a essa pesquisa”.



Foto: Tainá Frota - Nova Escola

Tendo em vista essa repercussão, a ABEC foi uma das únicas iniciativas da Reduc a continuar ativa, mesmo depois da sua finalização. Ao fundar o Ceale em 1990, Magda Soares optou por continuar a pesquisa ao longo das décadas seguintes, agora associada ao órgão complementar da FaE/UFMG. Fez isso, pois acreditava que era um recurso de enorme valor para os profissionais e acadêmicos da área da alfabetização. Essa continuidade era ainda mais importante, considerando a expansão dos programas de pós-graduação no Brasil, que ocasionou também um aumento dos trabalhos produzidos em alfabetização. Então, no ano 2000, é publicado um

Linguagem: poderosa arma na luta social

MAGDA SOARES TROUXE PARA OS ESTUDOS DA ALFABETIZAÇÃO O DEBATE SOBRE COMO RELAÇÕES SOCIAIS AFETAM DIRETAMENTE NO APRENDIZADO DA LÍNGUA E O PAPEL DAS ESCOLAS NA MANUTENÇÃO DE UM SISTEMA FALHO

Por Luiza Rocha

“Como podem ser trabalhadas as relações entre linguagem, educação e classe social, numa escola que pretenda estar realmente a serviço das camadas populares? Que papel têm essas relações na definição de metodologias adequadas ao ensino da língua materna?”. Essas foram algumas das questões abordadas por Magda Soares em seu livro *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, lançado em 1986. A obra representa um marco político na agenda de discussões sobre a linguagem e traz questões que passaram a ser recorrentes no discurso e trabalho da professora Magda, como preconceito linguístico, desigualdade social, diferença que não é deficiência e o direito à educação de qualidade para todos. Em entrevistas mais recentes, Magda lamentava a atualidade da obra, já que isso indicava que os problemas denunciados no livro ainda perduram.

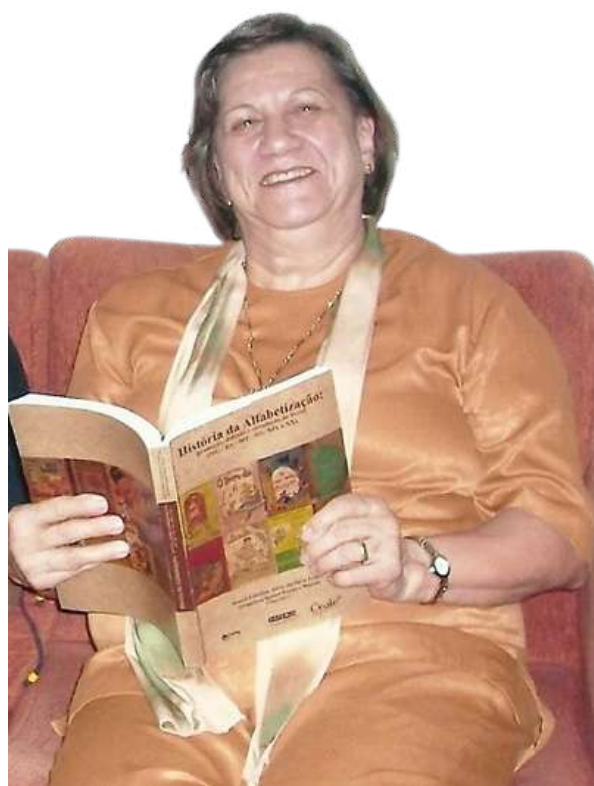


Foto: Acervo Pessoal

No decorrer de sua trajetória, a autora explorou a necessidade de repensar metodologias adequadas ao ensino da língua materna, considerando o contexto social e as demandas específicas das camadas populares. Acreditava que uma escola verdadeiramente inclusiva e comprometida com as classes mais desfavorecidas da sociedade deveria levar em conta as diferentes vivências linguísticas e culturais dos alunos, buscando valorizar e respeitar a diversidade.

DIFERENÇA AINDA É CONSIDERADA DEFICIÊNCIA

Magda defendia que os baixos índices de alfabetização verificados no país adivinham dos métodos tradicionais adotados pelas escolas que falhavam em considerar todos os aspectos que envolviam o processo de alfabetização, como a questão social. “Nossa escola tem-se mostrado incompetente para a educação das camadas populares, e essa incompetência, gerando o fracasso escolar, tem tido grave efeito não só de acentuar as desigualdades sociais, mas, sobretudo, de legitimá-las”, afirma a autora no livro *Linguagem e Escola* (1986). Para a professora da PUC-Rio Sonia Kramer, essa função deturpada da escola remete à origem do próprio país: “tem uma história desse país que se produziu autoritário, desigual, racista, com um modelo de escola símbolo de classe. (...) É uma escola que nasceu de cabeça para baixo. É uma escola que não é democratizada, com um profundo autoritarismo e preconceito.”

Sirio Possenti, escritor e professor da Universidade Estadual de Campinas, também acredita que as escolas ainda atuam reforçando preconceitos e que isso é uma grande barreira para o ensino. “Tomar a diferença como deficiência, sem dar-se conta de que qualquer variedade da língua implica uma gramática complexa, ainda é uma deficiência do sistema escolar (ora mais, ora menos). O mais grave é que algumas das diferenças têm implicações na ortografia, que, infelizmente, ainda é um critério muito invocado para medir escolarização, tanto na escola quanto na sociedade”, afirma o professor. Sonia Kramer completa: “Essa formulação que se trata de diferença é uma diferença que está constituída e produzida pela desigualdade e que não se trata de uma deficiência, mas se trata de um não atendimento a um direito social, político e econômico de toda população.”

Apesar de ainda ser um problema latente a forma como o sistema de ensino reforça preconceitos, ao excluir manifestações linguísticas como “incorretas” e adotar uma norma gramatical baseada no chamado “dialeto de prestígio”, uma evolução que se observa na atualidade é a maior consciência da existência do preconceito linguístico, o que ao menos fomenta a discussão. E essa consciência só pode ser construída a partir do trabalho de pesquisadores como Magda Soares, que trouxe a reflexão sobre as dimensões social e psicológica nos estudos da língua e alfabetização em uma época que pouco se falava disso no país. “[O trabalho com a língua] era um campo eminentemente marcado pelas discussões didáticas e metodológicas sem fundamentação, ou pelo campo de uma psicologia que não tinha uma base social ou histórico-cultural crítica como mais adiante tivemos acesso e produzimos no Brasil. Trazer a sociologia da linguagem, trazer as discussões sociolinguísticas, acho que também foram importantes para podermos olhar para essas crianças e entender as dimensões social e sociolinguística da língua que a gente fala e dos preconceitos que a própria linguagem expressa.”, reflete Sonia Kramer sobre a contribuição do trabalho de Magda.

LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E CLASSE SOCIAL

Língua, classes sociais e educação produzem relações indissociáveis dentro da escola. “A linguagem está presente em absolutamente tudo o que se faz em sociedade, em tudo o que ocorre na sociedade. A escola teria como principal função permitir a suas alunas e seus alunos o acesso à cultura letrada, que é formatada em geral numa norma padronizada, constituída ao longo do tempo para servir de instrumento de poder às classes dominantes. Essa função, no entanto, está muito longe de ser cumprida, e por várias razões.”, explica o linguista e professor da Universidade de Brasília, Marcos Bagno. O pesquisador esclarece, ainda, que essa norma padrão difundida nas escolas está distante dos “usos autênticos da linguagem”, de como o idioma se manifesta na vida cotidiana, o que torna o português ensinado nas instituições escolares ainda mais inacessível para a maioria dos alunos. “Se escola e sociedade estão entrelaçadas, é possível dizer que a educação no Brasil só se transformará quando a sociedade se transformar.” afirma o professor.

Para entender melhor essas relações e conseguir chegar ao cerne do problema da alfabetização no Brasil, em *Linguagem e Escola* (1986), Magda examina os princípios básicos da sociolinguística variacionista, inaugurada por William Labov na década de 1960. Labov, influenciado por uma visão liberal própria ao contexto de que fazia parte à época, afirmava que todas as variedades linguísticas são estruturalmente equivalentes e que existem diferentes maneiras de expressar uma mesma ideia, sem que necessariamente uma forma seja mais correta que a outra. “O problema com essa concepção é que ela não faz o vínculo necessário entre diferenças linguísticas e diferenças socioeconômicas e socioculturais.”, esclarece Marcos Bagno. Magda, então, expande essa concepção, fazendo uso de um quadro conceitual da sociologia da linguagem de Pierre Bourdieu, que considera os usos linguísticos como “mercadorias” que recebem valores diferentes de acordo com a posição social dos falantes. “Essa visão mais radical das diferenças linguísticas e sociais permitiria, segundo Magda, planejar uma educação linguística transformadora.”, completa Bagno.

Segundo o professor Sirio Possenti, a obra de Magda aponta a complexidade do processo de alfabetização que envolve muitas questões que a escola precisa resolver. Porém, ele afirma que o efeito dos trabalhos da autora só serão realmente percebidos se as instituições aceitarem aplicar o que é proposto. “(...) como o que se faz com a Embrapa, por exemplo: ou se aceitam as tecnologias que ela propõe ou os negócios do campo vão mal. Acontece que muita gente não liga para os negócios da escola, que continua em grande medida um lugar de reprodução das desigualdades sociais e das ideologias que as sustentam”.

Sobre o desafio de tornar a escola um espaço mais inclusivo no ensino da leitura e da escrita, a professora da PUC-Rio Sonia Kramer destaca a importância de a criança estar inserida no universo da escrita, e que é um processo sem data de início ou de término. “O contexto da escola tem que ser um contexto onde a cultura escrita está presente, dentro da sala e fora da sala. Presente com acervos de qualidade para as crianças, mas também com a presença da cultura escrita na oralidade, com as músicas, as letras de música, os provérbios, os trava-línguas, os nomes das crianças. (...) Como vários autores reforçaram, trata-se de uma leitura e escrita que é na escola, e não é propriedade da escola. Essa preposição que faz toda a diferença.”

Kramer também aponta a importância de professores buscarem o conhecimento da cultura letrada que faz parte do cotidiano de uma criança, já que não se pode ensinar algo que não se aprendeu ou não se teve contato. A escola, segundo essa perspectiva social, tem o papel de proporcionar os meios para que os alunos tenham atividades que estimulem o contato com a leitura e escrita de um modo que seja interessante e satisfatório para eles: “(...) a escola precisa ser um espaço onde a cultura escrita é uma presença, e uma presença alegre”.



Foto: Tainá Frota - Nova Escola

A obra de Magda Soares é um legado valioso que nos lembra da urgência de transformar o sistema educacional, garantindo oportunidades iguais para todos os estudantes, independentemente de sua origem social ou linguística. Seu trabalho incansável nos convida a refletir sobre as relações complexas entre linguagem, educação e desigualdade social, e deixa aos educadores e às educadoras a missão de seguir lutando e buscando por soluções que promovam a inclusão e a equidade no ambiente escolar.

As muitas facetas de Magda Soares: uma retrospectiva em entrevistas

Em mais de 70 anos de pesquisas e trabalhos na Educação, Magda Soares colecionava entrevistas para os mais diversos meios, inclusive adaptando-se às mídias digitais quando foi preciso, com participações em lives, por exemplo. Ao longo de sua trajetória acadêmica, marcada por inúmeras contribuições teóricas e práticas para a Educação, é possível perceber a evolução de seus pensamentos, em sua constante inquietação na busca de tentar entender o problema da alfabetização no país, sempre movida por dúvidas e buscando as “perguntas certas”, como ela dizia. As ideias que organizaram a sua linha argumentativa estão expressas em muitas das falas durante os anos, por meio das quais é possível ter uma dimensão de como Magda ampliou suas referências teóricas, reviu seus quadros explicativos, em um movimento que chamou de espiral ou de “retificação progressiva de sistemas de referência”, e também de como ela nunca deixou de lutar e agir em prol do que acreditava para a Educação Brasileira.



Foto: Revista Educação

O Letra A recuperou algumas das entrevistas* concedidas por Magda Soares em um período de 21 anos (2001-2022), a fim de dar uma dimensão de como ela se posicionava em cada período de tempo e de como foi um pouco de sua trajetória. Em suas falas, descobrimos a origem de suas percepções de mundo, que amadureceram e se transformaram em livros e projetos. Ao retornar a essas falas, é possível entender melhor o caminho percorrido por Magda, os conceitos e as práticas por ela defendidos e o legado que ela deixa à educação e aos educadores.

2001
REVISTA DA TV ESCOLA

VOCÊ CONTINUA ESCRREVENDO LIVROS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. POR QUE ESSA PREOCUPAÇÃO?

Essa preocupação responde a um compromisso social: nós que somos mantidos em universidades públicas para estudar, pesquisar, sobretudo na área de Educação, temos o dever de fazer chegar lá onde as coisas realmente acontecem – nas escolas, nas salas de aula – os resultados do nosso trabalho. Um dos meios de fazer isso é socializar os estudos e pesquisas em livros destinados aos professores. Não me parece socialmente justo que pesquisadores, sobretudo das universidades públicas, mantidos com dinheiro do povo, só publiquem para seus pares.

COMO VOCÊ TRATA, EM SEUS NOVOS LIVROS, A QUESTÃO DA LEITURA E DA ESCRITA?

A coleção que estou escrevendo se destina ao ensino do português, que é fundamentalmente ensino da leitura e da escrita. Ensinar hoje leitura e escrita é desenvolver habilidades de ler, compreender, interpretar diferentes tipos e gêneros de textos, escritos em diferentes modalidades de língua, formal, informal, de interagir com diferentes portadores de textos; e habilidades de escrever os tipos de textos que as práticas sociais de escrita exigem dos indivíduos. É o desenvolvimento dessas habilidades que persigo nos livros didáticos que estou escrevendo, ao mesmo tempo buscando responder, na escolha de textos para leitura e de atividades de produção de texto, aos interesses e características das crianças e jovens de hoje, para que também possam descobrir o prazer da leitura e o prazer da escrita.

2015

REVISTA PESQUISA FAPESP POR BRUNO DE PIERRO

SEU INTERESSE [DENTRO DA ALFABETIZAÇÃO] FOI FAZER UMA PONTE ENTRE A PESQUISA NA UNIVERSIDADE E O ENSINO EM ESCOLAS PÚBLICAS?

[No início de minha carreira] Fui convidada a substituir uma professora do Colégio de Aplicação da UFMG e, ao mesmo tempo, trabalhar com práticas de ensino de português na Faculdade de Filosofia. Comecei a discutir aquelas questões que me incomodavam com os alunos da faculdade. Como eu também era professora de português na escola pública, a questão da linguagem foi fundamental nessa interação com futuros professores. Comecei a me aprofundar para entender quem são as crianças das camadas populares e qual é a relação delas com os adultos que as educam. Como resultado de muitas leituras e de algumas pesquisas que fiz, em 1986, publiquei o livro *Linguagem e escola: uma perspectiva social*, obra na qual discuto os conceitos com que se explicavam os bons ou maus resultados de crianças das camadas populares: faltava “dom” para os estudos? Eram deficientes? Eram diferentes? Quando eu era pequena, as pessoas diziam: fulano tem um dom para português, para matemática. Durante muito tempo vigorou a ideologia do dom.

ATÉ HOJE, NÃO?

Pois é, até hoje vigora esse mito de aluno superdotado, brilhante. Mas depois que as camadas populares conquistaram o direito de ir para a escola, o que apareceu foi a diferença. Na época, vários livros sobre essa questão dos alunos “diferentes” começaram a chegar às escolas. Por muito tempo nosso ensino foi só para crianças da burguesia. Quando a escola se tornou mais acessível para todas as classes, o professor Miguel Arroyo, colega da faculdade, dizia que a escola pública “pegou carona” na escola da burguesia, foi imposta para crianças que não eram da burguesia. Como elas eram de outra realidade, começaram a ser identificadas como “deficientes”. Na verdade, eram apenas diferentes. Depois, direcionei minhas pesquisas para identificar as causas do fracasso escolar das crianças de escolas públicas. Quis mostrar que elas não eram deficientes. Deficiente era o ensino dado a elas.

QUE IMPORTÂNCIA DÁ À SUA PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS ENVOLVENDO POLÍTICAS EDUCACIONAIS?

Para mim, pesquisar sempre foi uma forma de compreender para agir. Não acho que publicar artigo científico seja suficiente, quando se é da área da educação, sobretudo em um país em que o ensino público ainda é tão deficiente. Na época da ditadura militar, por exemplo, recebi críticas quando aceitei um convite de Jarbas Passarinho, então ministro da Educação, para auxiliar na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases de 1971. Na verdade, o convite foi feito pelo reitor da Universidade de Brasília [UnB] da época, Caio Benjamin Dias, que era mineiro e conhecia meu trabalho. Na época, muitos estudantes e professores lutavam contra a opressão, defendendo a universidade da interferência militar. Ao mesmo tempo, tínhamos como princípio que era preciso tentar entrar no sistema político por onde houvesse brechas. Foi essa estratégia que me levou a aceitar o convite de Passarinho. Passei dois ou três meses em Brasília. Era uma comissão sensata, de educadores, sem nenhuma interferência militar, devo dizer isso.

2017

PORTAL TEMPO DE CRECHE

QUE CONHECIMENTOS FUNDAMENTAIS FALTAM AO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL PARA UM LETRAMENTO MAIS LÚDICO E PRÓXIMO DO UNIVERSO DA CRIANÇA?

Lamentavelmente, a formação de professores para o letramento, não só na Educação Infantil, mas também nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é precária, quase inexistente. Professores para orientar o letramento, incluindo aqui a introdução ao sistema alfabético de escrita, precisariam conhecer os objetos de conhecimento de sua atuação:

- Compreender o que é letramento e o que é alfabetização, as diferenças entre um e outra e, ao mesmo tempo, a indissociabilidade dos dois;

- Saber identificar que materiais escritos são adequados e motivadores para as crianças, na creche, na pré-escola (por exemplo, conhecimento da literatura infantil, capacidade de análise de ilustrações e projetos gráficos próprios para cada idade...);
- Conhecer a diferença entre diferentes portadores de texto – revista e livro, jornal e revista, etc., conhecer os diferentes gêneros que esses portadores oferecem à leitura.

A professora deve saber como ler um livro de história para a criança. Dou um exemplo mais detalhado:

1. Com que postura corporal, com que gestos, com que perguntas – antes da leitura, levando ao reconhecimento do objeto “livro” e suas partes, a previsões sobre o tema da história;
2. Durante a leitura, fazendo perguntas cuidadosamente planejadas, para que levem as crianças a operar cognitivamente, desenvolvendo habilidades de interpretação;
3. Depois da leitura, com perguntas de avaliação do comportamento de personagens, da solução que foi dada a problemas, etc.

Quanto à introdução ao sistema alfabético, professoras que, na educação infantil, não são alfabetizadoras precisam, porém, conhecer as etapas de desenvolvimento da criança em seu processo de compreensão da escrita, tanto do ponto de vista psicogenético quanto do ponto de vista fonológico. Precisam conhecer o sistema alfabético e a ortografia do português, para que saibam compreender as hipóteses que as crianças fazem sobre a escrita e assim saibam como ajudá-las a avançar. E precisam, sobretudo, saber como desenvolver atividades que respondam aos interesses das crianças, associando letramento e escrita a outras atividades lúdicas, tal como letramento e escrita se associam em grande parte das atividades da vida cotidiana.

2019

PORTAL DESAFIOS DA EDUCAÇÃO POR LEONARDO PUJOL

O QUE A SENHORA PENSA ESPECIFICAMENTE SOBRE O MÉTODO FÔNICO?

É surpreendente que ainda se acredite que a alfabetização se realiza com um único método e que se alegue que o método fônico é o único que se fundamenta em “evidências científicas”. Insiste-se em método – *em como ensinar* – quando o necessário é focar a aprendizagem – *como a criança aprende*. E há “evidências científicas” sobre como a criança aprende a língua escrita, geradas por várias ciências e pesquisas, não apenas pela psicologia cognitiva da leitura, privilegiada pelos que defendem o método fônico.

A alfabetização é a aprendizagem de um *objeto cultural*, inventado pelo homem, uma tecnologia muito complexa e abstrata: a representação de sons da fala, os fonemas, por letras. E os fonemas são, como mostram as “evidências científicas” da Fonologia, sons mínimos abstratos, não perceptíveis isoladamente, não pronunciáveis, que a criança só pode identificar por oposição (por exemplo, opondo mata e lata, faca e vaca).

Para a criança, a complexa aprendizagem da língua escrita deve acompanhar seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e mesmo motor (manipulação dos instrumentos e suportes da escrita). Para se apropriar do sistema alfabético, a criança precisa aprender a prestar atenção na cadeia sonora das palavras, distinguindo-a de seu conteúdo semântico, percebendo que escrever é representar o som da palavra e não aquilo a que ela se refere – que escrever não é desenhar.

A criança ainda precisa aprender que é possível segmentar os sons da palavra – primeiro em sílabas, depois identificar nas sílabas os fonemas; precisa aprender a representar segmentos dos sons das palavras por signos arbitrários, as letras, que ela precisa aprender a grafar.

DA MESMA FORMA, HÁ QUEM ENTENDA OS CONCEITOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO COMO SE FOSSEM DOIS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO.

Essa é outra confusão. Trata-se de dois processos distintos. Alfabetização é o processo de aprender o sistema alfabético, de aprender a ler e a escrever, verbos sem complemento. Letramento é o processo de aprender a fazer uso desse sistema, atribuindo complementos a esses verbos: ler e interpretar textos de diferentes gêneros, escrever textos de diferentes gêneros, para diferentes objetivos, respondendo aos usos sociais da escrita no contexto em que vivemos. Claro que são dois processos distintos, mas indissociáveis: aprende-se a ler e escrever para a prática da leitura e da escrita no contexto sociocultural.

A confusão surgiu porque *alfabetizar* com método, integrando diferentes facetas do processo, supõe que a

criança seja introduzida ao mundo da escrita, convivendo desde o início com material escrito real, não com textos artificiais, construídos especificamente para alfabetizar, como em geral são os utilizados para alfabetizar pelo método fônico. Dessa má compreensão de letramento se tem dito que se trata de um método que só alfabetiza com textos. Isso é um enorme equívoco. Alfabetiza-se com base em textos e com envolvimento das crianças em textos, não apenas com textos.

2019

PORTAL DO CENPEC POR SUZANA CAMARGO

AS AVALIAÇÕES EXTERNAS AJUDAM O DOCENTE A TER UM REAL ENTENDIMENTO SOBRE O DESEMPENHO DOS ALUNOS?

Um pouco, talvez. Mas, sobretudo, permitem ao docente ter uma noção do que uma instituição externa à escola espera que seja o desempenho de seus alunos. A experiência brasileira com avaliações externas, até agora, tem tido um efeito mais negativo que positivo sobre os docentes, porque os resultados têm estado sempre bem abaixo do que é avaliado, e orientações e medidas pedagógicas para que os educadores adquiram condições para melhorar o desempenho de seus alunos não acompanham a constatação dos baixos resultados. Além disso, as avaliações afetam a autoestima de docentes, gestores, as escolas enquanto instituições de aprendizado e, ao mesmo tempo, não lhes apresentam caminhos para a superação das deficiências do ensino que ministram.

ENTÃO, CONSIDERA INADEQUADA A APLICAÇÃO DESSE TIPO DE LEVANTAMENTO?

Avaliações externas em um país com tantas diversidades como o Brasil verificam com uma única “régua” situações muito diferentes, condições bastante diversificadas, contextos culturais diferenciados. Embora exames externos a que são submetidas todas as escolas estejam fundamentados no princípio corretíssimo de verificar se está havendo igualdade de aprendizagem para todos, têm denunciado que esse princípio não está sendo atendido e, sobretudo, que não está sendo atendido o princípio da equidade, que tem de completar o da igualdade. Há de se reconhecer que esse ponto extremamente negativo não é responsabilidade dos exames externos, que apenas constata a desigualdade e a ausência de equidade, já que a responsabilidade é de outros problemas que não têm sido seriamente atacados: formação de professores, condições de trabalho de professores, infraestrutura das escolas públicas, entre outros.

2022

CADERNOS DE EDUCAÇÃO (UFPEL) POR ANA RUTH MORESCO MIRANDA

(...) GOSTARIA DE SABER O QUE FOI DETERMINANTE PARA A ESCRITA DE *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* E COMO VÊS HOJE, DO ALTO DA TUA TRAJETÓRIA, ESTA OBRA QUE JÁ RECEBEU INCONTÁVEIS REEDIÇÕES E CONTINUA A CONTRIBUIR PARA A APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA ENTRE A EDUCAÇÃO E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM.

O que foi determinante para a escrita de *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* foi, na verdade, determinante de toda a minha trajetória acadêmica e até mesmo de minha vida pessoal e profissional. Dos livros que escrevi, ao longo da vida, considero esse o mais significativo, porque foi fruto do que eu chamaria uma ‘epifania’, uma revelação que me transformou e transformou minha visão da realidade. Explico. Pertencente à classe média, talvez até classe média alta, optei por fazer o curso de Letras, na modalidade na época chamada de ‘letras neolatinas’, por minha paixão pela literatura, leitora voraz que fui desde pequena, e também por minha curiosidade pelo funcionamento da linguagem, pelo poder de palavras se articularem para expressar tantos acontecimentos, tantas verdades e tantas falsidades, e tão diversas sensações, emoções. (...) Comecei a lecionar em uma escola privada feminina que recebia meninas das camadas favorecidas, a escola em que tinha cursado toda minha educação básica, mas também me inseri no ensino público, em uma grande escola municipal ao lado de um aglomerado de favelas. (...) e aí veio a primeira revelação: o português que falavam [as alunas da escola pública], escreviam, não era aquele que eu falava, escrevia, que se usava e se ensinava na Faculdade. A segunda revelação: as crianças a quem elas deviam alfabetizar, ensinar a ler e escrever sob minha orientação não eram

aquelas crianças de classe média que eu conhecia, com quem convivera durante minha infância e minha escolarização, que encontrava na escola privada em que também lecionava. Epifania: de repente, inesperadamente, uma outra humanidade se revelou, uma outra modalidade de português me surpreendeu, sobretudo outras condições de vida, de moradia, de interação social, de inserção na sociedade. Paulo Freire, quando também foi, no início da vida profissional, professor de trabalhadores, teve sua epifania; palavras dele: “Foi me espantando e tentando compreender a razão de ser do espanto, que fui, na verdade, aprendendo, de um lado, a dialogar mesmo com a classe trabalhadora e, de outro, a compreender a sua estrutura de pensamento, a sua linguagem, a entender o que eu chamaria de terrível malvadeza do sistema capitalista”. Cito porque expressa exatamente o que foi a minha epifania.

Desde então, meus estudos, e depois, já na Universidade, minhas pesquisas, se fixaram na busca de entendimento dos dialetos das camadas populares, no conhecimento das condições quase sempre precárias das escolas municipais que atendem as crianças das camadas populares, nas causas dos reiterados fracassos das crianças de escolas públicas na alfabetização, na leitura e na escrita. As primeiras leituras a que me dediquei iam em busca de esclarecimentos sobre as questões linguísticas e sociais que me fizessem compreender o que Paulo Freire chamou de terrível malvadeza do sistema capitalista.

(...)

Confesso que me decepciona um pouco que *Linguagem e escola: uma perspectiva social* já tenha tido incontáveis reedições; desejaria que ele já tivesse contribuído mais intensamente não só para a aproximação necessária entre a educação e os estudos da linguagem, mas também para a diminuição das desigualdades sociais e educacionais. Muitas reedições, mas poucas mudanças no que o livro denuncia.

(...) PODERIAS FALAR SOBRE A MIGRAÇÃO DA TUA PRODUÇÃO DIDÁTICA, PRIMEIRO VOLTADA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DEPOIS PARA A ALFABETIZAÇÃO? OLHANDO RETROSPECTIVAMENTE, COMO VÊS O CEALE, SUA IMPORTÂNCIA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E DE MATERIAIS PARA FORMAÇÃO? E COMO AVALIAS A MUDANÇA DE PERSPECTIVA DO CENTRO, CUJO FOCO DOS ESTUDOS DESENVOLVIDOS FOI SE MODIFICANDO EM CONCOMITÂNCIA COM AS NOVAS ABORDAGENS DO FENÔMENO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL, PASSANDO, SE POSSO ASSIM DIZER, DE UMA VISADA MAIS VOLTADA PARA A APRENDIZAGEM E O ENSINO A OUTRA MAIS AMPLA, CENTRADA NA CULTURA ESCRITA?

A associação a que fui sendo levada entre estudos de língua e literatura, a que me dediquei durante o curso de Letras, experiências em ensino da língua em escolas públicas e formação de professores para o ensino de língua e literatura na graduação de Letras e de Pedagogia me conduziram a estudos sobre a difícil transposição didática de conteúdos linguísticos para o ensino e aprendizagem de crianças e jovens. Minha primeira tentativa de buscar essa transposição didática, que eu vinha aprendendo enquanto ensinava, foi a de produzir coleções didáticas que apresentassem aos professores da educação básica como realizar essa difícil transposição. A primeira coleção do final dos anos 1960 (...) procurava desviar o foco do ensino da língua como ensino da gramática, particularmente da sintaxe, para o ensino a partir de textos, daí o título Português através de textos; creio que a primeira coleção didática que deslocou o foco do ensino para o estudo do texto, ainda que mantendo uma gramática a partir de estruturas linguísticas do próprio texto. As concepções linguísticas e, conseqüentemente, as de ensino da língua se sucederam a partir dos anos 1970, e com elas foram mudando minhas coleções didáticas, seguindo o desenvolvimento particularmente da Linguística Aplicada e das teorias sociológicas que discutiam o papel da língua na sociedade, na interação entre os indivíduos. Pesquisas que orientando meus e de colegas fizeram sobre o uso do livro didático pelos professores me convenceram que minha tentativa de melhorar o ensino de português por meio do livro didático tinha sido uma ilusão. Os professores não sabiam como usar o livro didático, persistiam na tradição do ensino de português a que tinham sido submetidos em sua educação básica, a gramática, sobretudo análise sintática. Concluí que o cerne dos problemas que temos enfrentado há décadas na formação de leitores e produtores de textos eficientes estava na restrição dessa formação a apenas os fundamentos linguísticos. Essa ampliação da visão sobre os fundamentos e determinantes do lugar da linguagem na educação e no ensino me levou à convicção de que o ensino da língua teria que considerar várias facetas da comunicação oral e escrita: além dos fundamentos linguísticos, era preciso considerar também os aspectos sociais, culturais, econômicos em que a leitura e a escrita estão profundamente inseridas. Concluí que ensinar a língua na escola exigia ir além do linguístico, exigia compreender o ensino da língua como a introdução de crianças e jovens na cultura escrita, o que explica minha produção sobre o letramento a partir dos anos 1980; o conceito de letramento trouxe um novo olhar sócio - histórico - cultural para o ensino da leitura e da escrita, olhar que caracteriza minhas últimas publicações e minhas atuais publicações, práticas e ações. Esse olhar trouxe para mim

e para o grupo do CEALE uma ampliação de nosso eixo orientador, voltado até então, sobretudo, para o processo de alfabetização, para o campo mais amplo da cultura escrita, ou da cultura do escrito, campo em que inserimos, sob essa perspectiva mais ampla, a alfabetização e o letramento.

“VOU TENTAR AQUI DEFENDER A ESPECIFICIDADE DA ALFABETIZAÇÃO E A SUA IMPORTÂNCIA NA ESCOLA, AO LADO DO LETRAMENTO”, QUE ESTÁ EM TEU TEXTO DE 2003, “A REINVENÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO”. EM QUE MEDIDA ESSA PROPOSTA DE “REINVENÇÃO” REAGE AO IMPACTO QUE O CONCEITO DE LETRAMENTO, DIFUNDIDO AMPLAMENTE PELO TEU LIVRO LETRAMENTO: UM TEMA EM TRÊS GÊNEROS (AUTÊNTICA), DE 1998, TEVE SOBRE A FORMAÇÃO E AS DISCUSSÕES NO ÂMBITO DA ALFABETIZAÇÃO? AQUELA REPERCUSSÃO TE SURPREENDEU? FOI NA DIREÇÃO PREVISTA OU SEGUIU CAMINHO INESPERADO OU MESMO CONTRÁRIO À TUA INTENÇÃO ORIGINAL E ÀS TUAS EXPECTATIVAS? EM QUE MEDIDA INFLUENCIOU AS DISCUSSÕES SOBRE O LETRAMENTO NO PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO? (...)

Você tem razão ao identificar no campo da educação, sobretudo no campo da alfabetização, uma descontinuidade de teorias e práticas, numa sucessiva discussão de “não é isto, é aquilo”, uma nova teoria suplantando outra, então considerada ultrapassada. Em minha longa trajetória de formação de professores de português e de produção de livros para o ensino de português, identifico como fui eu mesma sendo levada por diferentes tendências à medida que os pressupostos linguísticos avançavam, diferentes ideologias invadiam o mundo acadêmico, “modismos” se popularizavam, sugerindo diferentes caminhos para o ensino. Para mim, isso fica claro quando analiso a sucessão de coleções didáticas que produzi, sempre abandonando uma como ultrapassada, devendo ser substituída por outra “atualizada”. No meu memorial para o concurso de professora titular que você citou, publicado como *Metamemória - memórias: travessia de uma educadora*, fiz – e não foi fácil desnudar o passado... – essa autoanálise das várias fases por que tinha passado, identificando os teóricos que em cada momento estavam dominando a área e me dominando.

Confesso que foi um processo doloroso, ao constatar como eu estava “ingênua” em cada momento, como o “certo” se construía por sucessivas mudanças de paradigmas linguísticos e cognitivos. Foram “modismos”? Creio que não, esse é o movimento natural do avanço das ciências, como mostra Thomas Kuhn em sua obra clássica *A estrutura das revoluções científicas*, em que discute a oscilação de paradigmas científicos ao longo da história das ciências. Desde a autoanálise que fiz para escrever o memorial, compreendi que devemos sempre considerar que nunca devemos ter certeza de que enfim encontramos a verdade...

As questões que surgiram quando a palavra e o conceito de letramento foram introduzidos no campo da educação em meados dos anos 1980, tratando alfabetização e letramento como “ou isto ou aquilo”, foi uma distorção, comum em momentos em que um novo conceito surge aparentemente como uma substituição ou uma contraposição a um conceito já existente. Em um primeiro momento, difundiu-se a falsa ideia de que letramento vinha substituir alfabetização, quando na verdade vinha acrescentar uma nova dimensão à aprendizagem da língua escrita. Atualmente me parece que essa distorção já foi vencida, à medida que foi sendo esclarecido o sentido de letramento, que é hoje visto como um aspecto complementar da alfabetização e essencial à formação de leitores, para além da formação de alfabetizados. Aprender a ler e a escrever, verbos considerados intransitivos, é o que sempre se entendeu por alfabetização: pais dizem “meu filho já sabe ler, já sabe escrever”, as alfabetizadoras dizem “minha turma já aprendeu a ler e a escrever”. Mas um problema logo se coloca: sabe ler o quê? Sabe escrever o quê? O que se vinha, e ainda se vem constatando, é que as pessoas se alfabetizam, mas não sabem enfrentar com competência as inúmeras situações em que é preciso ler ou escrever os mais diversos textos, nos mais diversos gêneros, presentes de forma intensa e variada nas sociedades atuais. É preciso aprender o sistema alfabético de escrita, o que não é suficiente para se tornar capaz de usar esse sistema para produzir textos em diferentes situações em que a língua escrita está presente e é necessário saber usá-la. O INAF - Indicador de Alfabetismo Nacional, que é avaliado há já mais de 17 anos, vem repetidamente evidenciando que, se o número de analfabetos vem diminuindo, embora não tanto quanto o necessário, o número do que se denomina “analfabeto funcional” não se tem alterado significativamente ao longo dos anos: em 2018, mais da metade dos “alfabetizados”, independentemente de anos de escolarização, se encontrava nos níveis considerados “rudimentar” e “elementar” de uso da leitura e da escrita, e apenas 12% mostraram nível proficiente de leitura e escrita, surpreendentemente incluídos nesses 12% indivíduos com escolarização superior. A necessidade de avaliar o nível de proficiência em leitura e escrita, para além do ser alfabetizado, apareceu contemporaneamente ao surgimento da expressão ‘analfabeto funcional’ – aquele que sabe ler e escrever, mas não sabe “funcionar” por meio da leitura e da escrita. Atualmente o termo letramento já é reconhecido como diferente de alfabetização, embora os dois processos sejam inseparáveis, já que se considera que a criança, e o adulto, para dominarem a leitura e a escrita, devem aprender simultaneamente o sistema alfabético e o uso que se faz desse sistema nas sociedades contemporâneas, como qualquer tecnologia não faz sentido sem o domínio de seu uso. Infelizmente, o PNA, parece que, em uma tentativa de ser inovador, substituiu letramento por literacia, forma usada em Portugal, quando letramento já está inserido na educação brasileira, nas escolas, nos livros didáticos, e mesmo em livros de outras áreas de conhecimento.

Magda Soares: inspiração na Educação Brasileira

Ao longo de sua vida e carreira, Magda Soares conquistou muitos prêmios, escreveu livros, teses, teve reconhecimento dentro e fora da academia. Nessa longa e rica jornada, também fez amigos e amigas. Aqui, com o propósito de homenagear e honrar a memória dessa grande mestra, o Letra A traz depoimentos de pessoas que se relacionaram de alguma forma com o trabalho de Magda ou com a própria professora, com relatos de como ela contribuiu nos mais diversos campos da educação brasileira.

COMO VOCÊ AVALIA O IMPACTO/A IMPORTÂNCIA DE MAGDA SOARES NAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E, ESPECIALMENTE, NAS POLÍTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL?

PROF. JOSÉ FRANCISCO SOARES*

Nos últimos anos, visitei Magda com regularidade. Nas nossas conversas, tratávamos da avaliação da compreensão de textos. Magda sempre enfatizava que a compreensão de textos é a culminância da alfabetização e que, portanto, é o resultado mais importante a ser verificado. Para isso, defendia o uso de textos autênticos, com a complexidade adequada para a faixa etária, conceito que está na resolução do CNE [Conselho Nacional de Educação], que ela me ajudou a propor.

Ela ilustrava suas posições com exemplos concretos de sua experiência em Lagoa Santa. Lá o processo começa com a escolha de textos, que é seguido da criação de perguntas que, quando adequadamente respondidas, fornecem evidências de que o estudante compreendeu, de fato, o texto. A evidência da compreensão de um texto exige informações de várias perguntas, muitas delas abertas, como é necessário para captar as habilidades de compreensão de ordem cognitiva mais elevada.

Se essa forma de organizar as avaliações, ou diagnósticos, como Magda gostava de chamar essas atividades, fosse aderida por todas as escolas, daríamos um passo importante na direção de garantir o direito de aprender de todas as crianças no Brasil.

**Professor emérito da Faculdade de Educação da UFMG e presidente do INEP (2014-2016).*

QUAL O PAPEL DE MAGDA SOARES NA CONSTITUIÇÃO E PRODUÇÃO DO GT 10 - ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA DA ANPED?

PROFA. CECILIA M. A. GOULART*

Magda Soares tem um relevante papel na constituição do nosso GT 10 - Alfabetização, leitura e escrita, e do mesmo modo na criação ANPED - Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. O GT, inicialmente denominado GT Alfabetização, foi criado em 1986, na 9ª Reunião Anual da ANPED, proposto por professores reunidos no GT Educação e Linguagem, sob a coordenação de Magda. A necessidade de repensar o GT se devia à indefinição temática que o nome do GT carregava. O tema alfabetização definiria melhor o escopo do GT e se mostrava de acordo com o crescimento de estudos na área. O objetivo foi "catalisar experiências, pesquisas e políticas implementadoras de alfabetização, a fim de obter um balanço da área" (ANPED, 1986). Desde o início, o GT 10 se articulou com outros GTs para propor atividades. O trabalho integrado chegou a motivar uma proposta de união do GT Alfabetização com o GT Política do Ensino de 1º Grau, o que dissolveria o GT Alfabetização. Os componentes deste GT se movimentaram em defesa de sua permanência, inclusive Magda Soares. Definida a especificidade do tema do GT, observou-se tanto o avanço da discussão teórico-metodológica quanto a preocupação crescente com a formação de professores alfabetizadores. Apesar de dificuldades enfrentadas, um grupo de professores permaneceu constante e o GT foi se consolidando. Na 15ª Reunião (1992), A Formação do Professor Alfabetizador foi a temática selecionada para a reunião seguinte e a coordenação do GT, proposta a Magda Soares, à época, diretora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita/CEALE/UFMG, recém-criado.

Na reunião subsequente, o GT passou a se chamar Alfabetização, Leitura e Escrita, decisão motivada tanto pela necessidade de ampliação do conceito de Alfabetização, como pela própria abrangência do GT. Um destaque das duas últimas reuniões, a 16ª e a 17ª, sob a coordenação de Magda Soares, foi ter congregado pesquisadores originários de diferentes universidades e áreas do conhecimento - Linguística, Psicologia, Antropologia, dentre outras -, com diferentes abordagens teórico-metodológicas. O GT se instituiu como instância de apresentação e discussão de pesquisas sobre o tema alfabetização. Magda Soares nos deu contribuições inestimáveis à consolidação da área de Alfabetização na história da Educação Brasileira na ação de pesquisar e formar pesquisadores, além da importante produção bibliográfica.

**Professora titular da Faculdade de Educação da UFF e coordenadora do GT Alfabetização, leitura e escrita, da ANPEd (1998-1999).*

COMO MAGDA SOARES CONTRIBUIU PARA A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ALFABETIZAÇÃO (ABALF)?

*PROFA. MARIA R. L. MORTATTI**

Magda Soares é mestra, referência e inspiração para todos os que se dedicam ao magistério e aos estudos sobre alfabetização e educação no Brasil. Por meio de suas aulas e orientações acadêmicas, publicações e tantas outras atividades que realizou, Magda está presente na formação de gerações de brasileiros e também na história da ABALF – Associação Brasileira de Alfabetização, e na dos membros de suas diretorias e seus associados. Ela foi a convidada de honra do I SIHELE – Seminário Internacional sobre História da Leitura e Escrita, realizado na Universidade Estadual Paulista – campus de Marília, em 2010, e participou da plenária final, em que propôs e foi aprovada a criação da ABALF. Na assembleia de fundação da entidade, realizada em 18 de julho de 2012, em reconhecimento por sua contribuição para a alfabetização no Brasil, propôs seu nome como Presidente de Honra e foi aprovado por aclamação pela primeira diretoria e demais sócios-fundadores, representantes de diferentes gerações de professores, pesquisadores e estudantes, herdeiros de seu legado. Desde então, a dama da Educação Brasileira contribui, de forma direta ou indi-

reta, para a história da entidade e, ao lado de Paulo Freire – aclamado patrono naquela assembleia de fundação –, Magda Soares continua honrando nossa ABALF e a Educação no Brasil.

**Professora titular da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP. Primeira presidente da ABALF (2012-2014) e presidente emérita da associação.*



*PROFA. CLÁUDIA MARIA MENDES GONTIJO**

Ao ler uma coletânea de textos publicada pela Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo em 1985, encontrei a professora Magda Soares no texto intitulado “Conceito de alfabetização” (ESPIRITO SANTO, 1985), que também foi publicado como “As muitas facetas da alfabetização” (SOARES, 1985). Na segunda metade da década de 1980, eu atuava como professora alfabetizadora na rede estadual de ensino e participava, nessa condição, dos movimentos de reconstrução da alfabetização no Espírito Santo, liderados pela professora Euzi Moraes.

Destaco esse encontro e minha experiência como professora alfabetizadora para evidenciar que Magda Soares, por meio de seus escritos, influenciou as ideias e as práticas daquelas que estavam engajadas diariamente na luta para proporcionar uma alfabetização plena a todas as crianças nas escolas públicas. Essa influência contribuiu para a criação da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF), um espaço dedicado à produção e à disseminação de uma perspectiva crítica da alfabetização.

Assim, a primeira grande contribuição de Magda Soares para a ABALF foi sua defesa de uma alfabetização crítica, baseada na compreensão de que o processo de alfabetização é complexo e influenciado por fatores sociais, culturais e políticos. Sua atuação na defesa de políticas públicas para a alfabetização, participando de discussões e debates sobre a importância de investimentos adequados na formação de professoras alfabetizadoras e na implementação de programas de alfabetização de qualidade, tem orientado a ABALF a defender uma abordagem abrangente da alfabetização, valorizando a leitura e a produção de textos como dimensões essenciais desse processo.

Além disso, é importante destacar o papel de Magda Soares na construção da pesquisa científica no campo da alfabetização. Ela demonstrou que esse é um campo cien-

tífico complexo e multifacetado, de extrema relevância na área da educação. Sua participação ativa na definição da alfabetização como campo científico estimulou a criação da ABAlf como uma entidade que se mantém dedicada à produção e à divulgação de estudos acadêmicos e conhecimentos práticos que fortalecem a alfabetização crítica.

Dessa forma, as contribuições de Magda Soares para a ABAlf são significativas e duradouras. Seu trabalho comprometido na defesa de uma alfabetização crítica é um legado reconhecido e vivenciado pela ABAlf, tanto que a professora foi nomeada Presidente de Honra da associação na Assembleia de criação, em 2012.

**Professora titular do Centro de Educação da UFES e presidente emerita da ABAlf (2014-2017).*



PROFA. ISABEL CRISTINA FRADE*

Magda pode ser descrita como alguém que, entre várias qualidades, tinha a mente e o coração abertos. Mente aberta para acompanhar mudanças teóricas, políticas e pedagógicas e para ouvir diferentes pontos de vista. Coração aberto e atento aos problemas e alegrias de quem a procurava. Por sua casa passaram amigos, membros dos governos, colegas de universidades brasileiras e estrangeiras, gestores, professores, ex-orientandos e orientandos de seus orientandos... Ela se nutria do diálogo e isso explica seu trabalho incansável até os 90 anos! Participando ativamente de comissões ou acompanhando diretamente projetos e pessoas que deles participavam, era generosa em compartilhar suas experiências, manifestando seus posicionamentos, seu ceticismo ou otimismo, não se furtando em ouvir, discutir rumos, implicações e desdobramentos. Foi o que ocorreu com a criação da Associação Brasileira de Alfabetização. A partir de minha experiência pessoal, posso dizer que Magda acompanhou nossos primeiros passos quando preparamos um esboço sobre o que seriam as finalidades da associação, a ser discutido no GT 10 – Alfabetização, Leitura e Escrita, na Anped. Em 2010, Magda esteve presente no I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura e Escrita, realizado na UNESP – campus de Marília, quando a plenária aprovou a criação da ABAlf e acompanhou nossas expectativas e primeiros documentos, quando formamos

a primeira diretoria provisória da ABAlf. O I Congresso Brasileiro de Alfabetização, um marco no campo, contou com a presença dela na conferência de abertura intitulada: “Alfabetização: o saber, o fazer, o querer”. A associação atribuiu à Magda o título de presidente de honra, e seja nos congressos de alfabetização - quando participou ativamente como conferencista ou na plateia -, seja nos diálogos estabelecidos com as novas diretorias, ela nos inspirou e aderiu aos nossos posicionamentos sobre a importância do Estado de direito, das ações democráticas, da redução das desigualdades sociais e a melhoria da qualidade da alfabetização na escola pública.

Junto a Paulo Freire, nosso patrono - e seu amigo - com o qual ela tinha imensa afinidade intelectual e política, Magda, uma entusiasta da associação, é um modelo de conduta, uma professora e pesquisadora inesquecível, que continuará a inspirar a ABAlf em suas ações e posicionamentos.

**Professora titular da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Ceale. Membro da comissão provisória da ABAlf e presidente da associação (2018-2019), coorganizadora do I e do IV Congresso Brasileiro de Alfabetização e presidente emerita da ABAlf.*



PROFA. ADELMA MENDES*

Quando me é feita esta pergunta: “Como Magda Soares contribuiu para Associação Brasileira de Alfabetização?” vem à mente responder com outra questão: “Qual lugar que tenha por escopo o campo da alfabetização/letramento que Magda Soares não contribuiu?”. Assim, inicialmente não consigo falar das contribuições de Magda Soares para ABAlf sem tocar na imensidão de conhecimentos carregados de exemplos de luta, afeto, sensibilidade e muita, muita humildade, ‘marca’ própria dos grandes sábios! Magda Soares era assim, sempre respondia a todos que lhe escreviam, que lhe demandavam por partilhar seus estudos, pesquisas e reflexões sobre alfabetização/letramento e formação de professores, sobre educação. Essa é a Magda, que foi escolhida como Presidente de Honra da ABAlf!

Foi no caminhar da ABAlf, no curso desses anos, desde sua criação em 2012, que Mag-

da Soares se colocou incansável a nos ceder sua voz, sua experiência e seu prestígio, a serviço da Associação e de seus associados. Foi figura sempre marcante nos Congressos promovidos pela entidade, como o Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBAIf)!

Magda Soares se fez presente, sempre, também nas lutas da ABAIf, por uma política de alfabetização condizente com as realidades e as necessidades de crianças, jovens e adultos de nosso país, sobretudo daquelas das camadas menos favorecidas. Nesse sentido, vale lembrar nossas Cartas, Notas, Posicionamentos e outros movimentos liderados pela Associação em favor da alfabetização com qualidade e equidade. Magda Soares juntava-se aos demais membros na construção desses documentos, de uma maneira tão singular que em suas contribuições via-se, por vezes, forte indignação, como foi na construção dos Posicionamentos da ABAIf frente ao Programa de Alfabetização “Tempo de Aprender, sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2022, publicado em 21 de maio/2020, e sobre o Programa de Formação Continuada de alfabetizadores/as, baseado na ‘ciência’/SEALF/MEC, entre outros. Tenho a dizer, por fim, que a ABAIf tem em Magda Soares sua construção e a considera presente em todos os dias nas suas ações, que seguem seus ensinamentos na certeza de que “Toda criança pode aprender a ler e a escrever”!

**Professora associada da UNIFAP. Vice-presidente da ABAIf (2022-2023) e presidente da mesma associação (2023).*

CONSIDERANDO A PRODUÇÃO E A AÇÃO EDUCACIONAL DE MAGDA SOARES, QUE CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LITERATURA VOCÊ DESTACA?

*PROF. RILDO COSSON**

Embora a contribuição de Magda Soares para o ensino da literatura não possa ser medida exclusivamente pelos textos publicados, uma vez que não se pode ignorar sua atuação no PNBE e no PNLD/ PNAIC, para citar apenas duas atividades das quais foi mestra e mentora, é certo que o ensaio “A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil” merece destaque. Apresentado no Jogo do Livro e publicado posteriormente em livro que reúne os textos do evento, o ensaio

mostra, com a clareza que é exemplar da autora, os desafios que a leitura literária enfrenta em sua didatização, sobretudo quando apresentada via livro didático. O mais importante nesse texto de Soares, porém, não são os exemplos das inadequações dos fragmentos, descaracterização do texto e atividades de compreensão mnemônicas, entre outras mazelas apontadas. O fundamental é entender, como nos adverte a autora, que a literatura presente na escola sempre será didatizada, logo cumpre não recusar a didatização, como querem alguns ao defenderem a leitura meramente prazerosa, mas, sim, fazê-lo de maneira adequada, com o devido respeito à experiência de linguagem que constitui o fundamento de toda leitura literária.

**Professor colaborador da pós-graduação da UFPB e pesquisador do Ceale.*

QUE PAPEL OS ESTUDOS DE MAGDA SOARES OCUPARAM NO CAMPO DA ALFABETIZAÇÃO, EM SUA FACETA LINGÜÍSTICA, NO BRASIL?

*PROFA. LEONOR SCLIAR-CABRAL**

Os conhecimentos em Linguística de Magda Soares desempenharam papel essencial para uma alfabetização de qualidade: basta mencionar a seguinte definição, em coautoria com Mourão Monteiro: “O conhecimento das correspondências grafema-fonema fornece um sistema mnemônico que contribui para a formação dos leitores iniciantes, favorecendo o desenvolvimento da fluência e da compreensão na leitura”.

Dessa definição, infere-se que o alfabetizador deve conhecer os princípios do sistema alfabético do português brasileiro, que estipulam as regras de decodificação dos grafemas em fonemas na leitura, para poder alfabetizar bem. Por exemplo, para que a criança desenvolva a fluência e a compreensão na leitura, deverá ter automatizado os valores que os grafemas têm; assim, na palavra “cacei”, reconhecerá que a 1^ª e 3^ª letras são as mesmas, mas o 1^º grafema <c> tem o valor do fonema /k/, porque vem antes do grafema <a>, que representa a vogal posterior /a/, enquanto o 3^º grafema <c> tem o valor do fonema /s/, porque vem antes do grafema <e>, que representa a vogal anterior /e/.

Outra influência dos conhecimentos em Linguística de Magda Soares para uma alfabetização de qualidade foi sua visão sobre as relações entre letramento e alfabetização, conforme seu artigo, publicado na Revista Brasileira de Educação, em 2004, quando a professora afirma que, da definição de letrado funcional da UNESCO, infere-se que o letramento efetivo pressupõe que a pessoa saiba ler, isto é, compreenda os textos que circulam socialmente, permitindo o engajamento do indivíduo em todas as atividades nas quais tais competências sejam necessárias. Infere-se, igualmente, não haver uma oposição entre alfabetização e letramento, pois só se torna efetivamente letrado quem estiver alfabetizado, havendo, portanto, uma complementaridade entre ambos e não exclusão mútua.

**PROFA. LEONOR SCLiar-CABRAL - PROFESSORA EMÉRITA E TITULAR DA UFSC E PRESIDENTE DA ABRALIN (1997-1999).*

COMO FOI A ARTICULAÇÃO PARA A CRIAÇÃO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UFMG? COMO MAGDA SE INSERIU NESSE PROCESSO?

*PROF. CARLOS ROBERTO JAMIL CURY**

Cheguei à UFMG em agosto de 1978, junto com o prof. Neidson Rodrigues. A direção da Faculdade de Educação estava sob a responsabilidade da professora Magda Becker Soares. Após nossa instalação em Belo Horizonte, fomos recebidos por ela na sala da direção. Desde logo, acolheu-nos com muita deferência e alegria. Afinal, fomos convidados para reforçar o então Mestrado em Educação do qual ela era uma das criadoras.

Tempos difíceis, tempos duros da ditadura civil-militar; sabia dela por meio de trechos de uma entrevista que Magda dera à revista *Veja* e se pronunciara sobre educação, sociedade e alfabetização. O tom era crítico, ainda que cauteloso.

Esse conhecimento prévio junto com o acolhimento aberto me cativaram desde logo. Conversamos sobre a situação do país,

ditadura com Geisel e a perspectiva de o general João Figueiredo vir a ser o presidente da República. E não faltou uma rápida conversa sobre os tempos difíceis para a Universidade. Nessa conversa, insinuou ela que queria o quanto antes voltar à graduação e à pós-graduação.

Naquele ano, como em todos eles, devíamos coordenar o processo seletivo do então Mestrado. Fomos tomados de surpresa, pois, ao lado do perfil costumeiro de candidatos advindos de instituições de ensino superior, havia um novo perfil: pessoas identificadas com a prática social de resistência à ditadura. Eram pessoas que queriam ver a educação a partir dos “de baixo”: líderes crecheiras, diretores de jornais de bairro, organizadores de movimentos sociais e também pessoas com interesse na alfabetização de jovens e adultos.

A tomada de decisão quanto ao processo seletivo contou com a presença da profa. Magda, conquanto suas obrigações como diretora a fizessem não estar presente o tempo todo. Mas ela entendeu bem que estávamos diante de um desafio novo e que a chamada de novos professores para a FAE-UFMG também estava ligada com os tempos de busca de democratização do país e da educação.

Magda participou da primeira seleção dentro da busca de um novo formato do programa. Quando o conjunto dos docentes entendeu por iniciar as aulas, não só pelo tradicional acolhimento, mas também por uma disciplina que agregaria todos os docentes e todos os discentes, denominada Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), ela aderiu ao processo com bastante participação.

Esse processo varou anos. E foi bem-sucedido. Tenho para mim que, durante esse processo, é que ela começou a pensar numa linha de pesquisa relativa à alfabetização no âmbito da relação educação e sociedade. Certo estou disso, pois tivemos conversas de corredor a esse respeito.

A profa. Magda era docente da graduação e, como tal, assuntava estudantes que tinham se manifestado interessados em investigação. Ademais, o Conselho Federal de Educação havia exigido, para o credenciamento definitivo, uma alteração no título do Programa. Junto a isso, a CAPES começara com um processo que conduziria a então avaliação bianual. Entre as exigências, havia aquela que esperava dos programas a cons-

tituição de linhas de pesquisa.

Eram os elos subjetivos, institucionais e as exigências que faltavam para a constituição de uma linha de pesquisa sobre alfabetização, forma inicial do CEALE.

Daí em diante, a professora Magda se impôs como uma “intelectual orgânica” da alfabetização e letramento, contextualizada na relação educação e sociedade, e fundamentada em novas concepções de fundo em diálogo com outras intelectuais do porte de Emília Ferrero e Paulo Freire. Quando voltava de viagens à Inglaterra, não poupava conversa sobre achados e trocas havidas naquele país a respeito de alfabetização e letramento.

Creio que essa ânsia por estruturar um pensamento progressista para alfabetização e letramento a levou a renunciar a seu mandato de diretora. E assim se preparou tanto para o concurso de titular como para a passagem da linha de pesquisa para um centro de pesquisa, com financiamento, local, biblioteca e, sobretudo, articulação com os sistemas de ensino.

Após isso, nossas relações se deram por laços pessoais e acadêmicos. Os primeiros, devido ao elo comum com a família Casassanta Peixoto. Magda era madrinha de Ana Maria Casassanta Peixoto e, além de amiga e colega querida, minha mestrande e doutoranda; os segundos, pela participação em assuntos universitários e em política educacional. Nesse sentido, quando de minha indicação para o Conselho Nacional de Educação, indicado também pelo COGEIME, de especial afeto dela, a consultei. “Aceite, mas o Conselho não é Universidade...”

Afora nossa convivência acadêmica junto ao Programa de Pós-Graduação, nossas relações se deram por conta de viagens a Brasília quando éramos convidados a participar de reuniões de assessoramento a órgãos de governo, como o CTC da Capes/Educação Básica, INEP, entre outros.

Lembro-me de uma reunião da pós-graduação de dia inteiro, em Lagoa Santa, em sua casa, na qual fizemos um esboço do projeto de doutorado. Mais do que anfitriã, foi uma personagem importante na construção do doutorado, ela que já havia sido uma das fundadoras do Mestrado.

Após sua aposentadoria, em que ela não foi para os aposentos e nem pousou em

berço esplêndido, assumindo uma assessoria voluntária em Lagoa Santa, revelava, em nossas conversas, um empenho, um carisma em poder efetivar, na prática pedagógica, o tanto que ela propunha a partir da análise crítica da alfabetização e letramento, em um sistema de educação municipal.

Como diria Gramsci do “intelectual orgânico”, ela fazia as pontes entre o sentir, o saber e o compreender. Eis porque sua ação em Lagoa Santa era uma filosofia em ação.

**Prof. Carlos Roberto Jamil Cury - Professor emérito e titular da Faculdade de Educação da UFMG e professor adjunto da PUC-MG. Membro do Conselho Nacional de Educação, na Câmara de Educação Básica (1996-2004) e presidente da CAPES (2003).*

COMO ERA A CONVIVÊNCIA COM MAGDA COMO COLEGA E DIRETORA DA FAE/UFMG? O QUE A FACULDADE DE EDUCAÇÃO APRENDEU COM MAGDA SOARES?

*PROFA. APARECIDA PAIVA**

Devo escrever um depoimento sobre a convivência com Magda Soares, como colega e diretora e, também, falar do que aprendemos com ela como Faculdade de Educação. Decido dar voz ao sentimento que atravessou nossos quarenta e cinco anos de história. Debruço-me sobre as lembranças do vivido com essa mestra e amiga e elas funcionam para mim como poderosas molas. Sou atravessada por elas, toco em memórias do meu passado que, de repente, se distendem, permitindo-me compreender a necessidade de incorporá-las ao presente para fazer dele a minha fonte, sabendo de antemão que se trata de um simples relato, que dezenas, centenas deles poderiam ser produzidos por cada um, cada uma que com ela conviveu.

Em 1975, ouço no rádio o meu nome - a minha aprovação para o curso de Pedagogia da UFMG. Na Faculdade de Educação conheço Magda em carne e osso e me assombro. Então era aquela linda mulher, de olhar meigo e gestos generosos, a minha fada madri-

nha da literatura? Sim, estudei em sua coleção “Português Através de Textos” e amei a literatura por sua mediação. Com o coração aos saltos, participo de minha primeira reunião da congregação, como representante do Diretório Acadêmico, e lá está ela como diretora. Uma convivência respeitosa, distante ainda. O meu diploma de graduação (1979) foi assinado por ela. Seis meses depois de formada, me submeto a uma seleção para professora substituta e passo a ser sua colega de departamento. Quando me tornei a jovem professora, sentia que os outros me consideravam apartada do grupo, não pertencente àquele lugar, condenada a viver à sombra das “grandes” professoras, minhas professoras. Só que Magda estava lá e me tratou como uma igual, me estendeu a mão. Apresentou-me Fernando Pessoa, me presenteou com um dos seus livros, com a dedicatória: “Esse Alvaro de Campos parece-se com você. E comigo também”. Mais tarde, uma oportuna reforma na ala da faculdade que abrigava a pós-graduação fez com que ela escolhesse meu gabinete enquanto durassem os trabalhos. Dividimos por meses uma sala e nosso contato se estreitou. Agradei em silêncio, emocionada, o fato de ela ter me escolhido. Eu era, sem dúvida, uma escolha improvável, diante de tantas possibilidades, inclusive de colegas de seu setor que dariam tudo para ter esse privilégio. Mas ela sabia que eu lhe daria espaço, sem importunação. E eu sabia que, mesmo respeitando seus afazeres, especialmente as reuniões que realizava com seus orientandos, gulosamente aproveitaria a riqueza daquela convivência.

Em 1987, trabalhamos juntas na graduação. A disciplina Prática Educativa, criada pela então reforma curricular, reunia professoras/professores de uma mesma turma para juntas debatermos, coletivamente, as práticas pedagógicas vivenciadas pelas alunas. Como era enriquecedor, para mim, para as colegas, para as alunas, a presença de Magda entre nós.

Em 1998, Magda me convoca novamente: eu deveria me candidatar a diretora da Faculdade de Educação, a instituição precisava de mim, eu deveria ampliar o bom trabalho que tinha desempenhado na pós-graduação. Dois meses depois de minha posse no cargo, ela entra em minha sala e coloca sobre minha mesa seu pedido de aposentadoria. Não contive o grito. Mas por quê? Justo agora? E sua resposta calma: “Está na minha hora, Cidinha. E depois, eu não me aposentaria na gestão de qualquer um”. Não tive tempo para processar; assinei sua aposentadoria! No mesmo dia, na reunião da congregação,

propus a concessão do título de professora emérita a ela, aprovado por unanimidade. Tenho muito orgulho da velocidade do gesto que a fez registrar em seu discurso:

“Mas graças a esta minha Faculdade, suportei por apenas poucas horas essa dor, esse sofrimento, essa perda de identidade, essa privação de não ser mais professora da UFMG; naquele mesmo dia, sem que eu o soubesse, a Congregação me restituía, concedendo-me, antes mesmo que se consumasse a aposentadoria, este título que hoje recebo, o título de professora da UFMG. E com ele me restitui a minha identidade”.

Não cabe registrar aqui tudo que aconteceu a partir de então. Não há espaço para balanços, inventários. O que tiver de ficar, ficará e tanto mais importante será, se estiver guardado em nossa memória coletiva, na memória institucional que está preservada em atas, relatórios de projetos e nas ações que desencadeamos ao longo do tempo. E, creio, não foi pouco. Mas posso registrar que eu tive o privilégio de dividir com Magda inúmeros desafios, num tempo em que consolidamos nossa grande amizade e construímos uma parceria efetiva de trabalho; nela me apoiei concretamente nos momentos difíceis dessa jornada, de maneira muito especial no seu perfil conciliador e ameno, equilíbrio indispensável para minha passionalidade.

Deixem-me tentar explicar o que sinto diante de sua ausência física. O meu mundo está incompleto. Na verdade, não sei se consigo colocar em palavras essa falta, especialmente nas tardes de terça, dia em que sempre nos encontrávamos. Uma verdadeira fome de convívio me assola. Entretanto, ao mesmo tempo, em uma parte de mim, sou capaz de localizar os momentos exatos de nossos encontros e deles me utilizar para seguir. Eu consigo, pelo menos acredito, conservar nosso bordado “porque o nosso encontro estava escrito nas estrelas”. Estava sim.

**Profa. Aparecida Paiva - Professora da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Ceale. Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Educação da FaE/UFMG (1995-1998) e diretora da mesma instituição (1998-2002).*

COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA COMO ORIENTANDA DA MAGDA?

PROFA. FRANCISCA MACIEL*

Para falar de Magda como “minha” orientadora, preciso retomar os nossos primeiros encontros nessa relação de uma estudante e uma professora, nos idos de 1986. Nesse momento, ela coordenava a pesquisa “Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento”; eu era sua bolsista e, com muita paciência, me ensinava a ler, escrever e analisar uma dissertação e/ou tese. Quanto ao aprendizado e quanta paciência de sua parte! Durante o mestrado e o doutorado, ela colocava-me com firmeza no chão, devido à paixão que eu tinha pelos meus objetos de pesquisa. No mestrado, os sujeitos analfabetos e seus filhos; no doutorado, a professora Lucia Casasanta. Magda sempre dizia: “apaixonar-se pelo objeto de pesquisa era necessário, assim como era necessário ter distanciamento para realizar a pesquisa”. Aprendi com Magda a ter humildade e saber que as minhas pesquisas não seriam a solução para os problemas do analfabetismo, do fracasso das crianças da e na história da alfabetização. Entretanto, que eu deveria me inquietar com isso cotidianamente. Finalizo, trazendo sua fala no dia 21/09/2001, na defesa de minha tese, que está registrada no seu parecer: “Em geral, é o orientando que agradece ao orientador; quero reverter isso, e agradecer à Francisca: a oportunidade de aprender e refletir não só sobre o objeto de pesquisa, mas sobre o processo de pesquisa, o que foi muito enriquecedor, porque, sendo um processo que eu nunca tinha experimentado, trouxe uma experiência nova, novos conhecimentos e reflexões antes nunca feitas.” Difícil não se emocionar com suas palavras e dizer: Muito obrigada! Devo muito do que sou, Magda, a você!

**Profa. Francisca Maciel - Professora titular da Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora do Ceale. Coordenadora do GT Alfabetização, leitura e escrita, da ANPEd (2001-2003). Coordenadora da pesquisa Alfabetização e letramento no Brasil: o estado do conhecimento no século XXI (2021-2023)*

PARA A NOSSA PERGUNTA FINAL, VOCÊ TERIA ALGO A ACRESCENTAR SOBRE O LEGADO DA MAGDA E DA OBRA DELA? (TRECHO DE ENTREVISTA FEITA VIA ZOOM EM MARÇO DE 2023).

PROFA. SONIA KRAMER*

Eu acho que a Magda foi sempre uma pesquisadora e uma intelectual inteira. Plena. Completa. E muito querida. Eu acho que a pesquisa que ela sempre desenvolveu e produziu, e fomentou com a criação do CE-ALE... Eu ainda não vi em outro estado brasileiro uma universidade em que toda tese era defendida, toda pesquisa de mestrado tinha um momento de apresentação. A gente faz isso ocasionalmente, enche uma sala para as defesas. Essa política de pesquisa e devolução sempre me comove e sempre me moveu muito.

A inserção que ela sempre teve com as políticas públicas. Dos livros, mas também de formação de professores e de alfabetização, especificamente com a participação em muitos momentos dessa formulação, mais diretamente no município que ela abraçou para fazer isso de forma mais sistemática [Lagoa Santa-MG]. Magda sempre fez isso antes, em inúmeros pontos e lugares desse país, inclusive com uma presença na criação de instrumentos de publicação e divulgação de pesquisas. Acho que Magda é uma presença e uma contribuição a essa luta ímpar pela sua plenitude. Por ser pesquisadora e intelectual, e ter uma atuação política nessas múltiplas instâncias.

**Profa. Sonia Kramer - Professora emérita e titular da PUC-RJ e coordenadora do Grupo de pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura.*

Magda Soares e a discussão conceitual sobre letramento

MAGDA SOARES FOI UMA DAS PIONEIRAS NAS DISCUSSÕES SOBRE O LETRAMENTO NA INTERFACE COM A ALFABETIZAÇÃO, O QUE TROUXE MUDANÇAS PERMANENTES NOS ESTUDOS DA ÁREA

Por Luiza Rocha

O que é letramento? No Glossário do Ceale¹, no verbete escrito pela professora Magda Soares, o conceito de letramento – quando relacionado à alfabetização – está definido como “o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas situações pessoais, sociais e escolares em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções”. O termo, por vezes confundido com o próprio significado de alfabetização, só começou a se popularizar no Brasil a partir dos anos de 1980, dentro de um determinado contexto histórico gerador de novas demandas de leitura e de escrita. A professora Magda Soares foi uma das pesquisadoras que, à época, compreendeu essas novas necessidades e propôs mudanças na forma de enxergar e tratar a questão da alfabetização no país, sendo uma das principais agentes quer na disseminação dos estudos sobre letramento no Brasil, quer no fomento dessa discussão dentro do campo da educação.

UM NOVO CONCEITO

Durante muitos anos, o foco principal da educação brasileira esteve na alfabetização, ou seja, no ensino das habilidades de ler e escrever. Acreditava-se que, uma vez alfabetizadas, as pessoas teriam o pleno domínio da língua. No entanto, essa visão limitada não considerava as práticas sociais e culturais que envolvem o uso da linguagem escrita. Foi somente a partir da década de 1980 que o conceito de letramento começou a ganhar espaço no Brasil. “Nos anos 1980, os limites do ensino e da aprendizagem da língua escrita se ampliam: em decorrência do desenvolvimento social, cultural, econômico, político em nosso país durante o século XX, ganham cada vez maior visibilidade as muitas e variadas demandas de leitura e de escrita nas práticas sociais e profissionais, gerando a necessidade de mais avançadas e diferenciadas habilidades de leitura e de escrita, o que exigiu, conseqüentemente, reformulação de objetivos e introdução de novas práticas no ensino da língua escrita na escola (...)”, definiu Magda Soares no mesmo verbete do Glossário do CEALE.



Foto: Acervo Ceale

Inicialmente, o letramento era diretamente associado ao conceito de alfabetização, sendo como uma extensão que considerava não somente aquisição do sistema alfabético, mas também a introdução da criança às culturas do escrito. A partir das publicações de Magda e de outras pesquisadoras da época, o termo foi ganhando um significado próprio e suscitando novas propostas. “Magda Becker Soares, Angela Kleiman e Leda Tfounni, nos anos 1990, disseminaram pesquisas e artigos da vertente anglo-saxã sobre os Estudos do Letramento no Brasil e propiciaram que muitos jovens pesquisadores, à época, se apropriassem desses estudos e os mobilizassem para tratar de problemáticas afeitas à escola e à escolarização, aos modos de inserção na cultura escrita por diferentes grupos humanos, para avaliar e mensurar capacidades mobilizadas em práticas de leitura e escrita, para compreender como pessoas pouco ou não escolarizadas (sobre)vivem em sociedades crescentemente letradas e tecnológicas, no contexto nacional”, explica a professora da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Cláudia Vóvio.

1

Acesse em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>

A pesquisadora afirma que a expansão dos estudos sobre letramento gerou processos de apropriação diferenciados, de acordo com os contextos específicos em que se inseriam os seus atores. A partir desses usos variados, ocorreram mudanças e transformações, adaptando-se o entendimento do termo conforme objetos de estudo e interesse, sem necessariamente manter as mesmas raízes dos estudos do letramento fora do Brasil. “Nesse sentido, tanto reinventamos o termo ‘letramento’, a partir dos estudos anglo-saxões, principalmente, como reinventamos a alfabetização, o ensino de língua portuguesa e a abordagem da literatura na escolarização”, completa Vóvio.

Atualmente, não podemos dizer que existe somente uma definição para letramento, já que seu conceito vai se diferenciar de acordo com a perspectiva pretendida: antropológica, linguística, psicológica ou pedagógica. “De sua chegada à rápida incorporação no campo educacional e pedagógico, como bem assinalou Magda Becker Soares, muitas vertentes e significações foram mobilizadas, não sem implicações ideológicas e sociais. Portanto, o conceito de letramento, na atualidade, é polissêmico e seus sentidos devem ser identificados a partir de abordagens que priorizam certos quadros teórico-metodológicos, determinados objetos de estudo, orientações didáticas e modos de concretização de práticas de letramento na/para escola e na/para escolarização”, ressalta a professora Cláudia Vóvio.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ALFALETRAR

Mesmo sendo um conceito polissêmico, o letramento teve sua principal entrada no Brasil a partir do campo da alfabetização, e, com Magda Soares, trouxe mudanças profundas e necessárias nos estudos sobre a leitura e a escrita, presentes nas discussões de suas obras, tais como *Letramento: um tema em três gêneros* (1998) e *Letramento e alfabetização: as muitas facetas* (2004). Neste último, a autora defende que a alfabetização e o letramento são indissociáveis e interdependentes, já que, para entrar no mundo da escrita, o indivíduo passa pelos dois processos de forma simultânea. Porém, também reafirma que acha necessário manter a diferenciação entre os dois conceitos: “A conveniência, porém, de conservar os dois termos parece-me estar em que, embora designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza fundamentalmente diferente, envolvendo conhecimentos, habilidades e competências específicos, que implicam formas de aprendizagem diferenciadas e, conseqüentemente, procedimentos diferenciados de ensino”. Tal compreensão foi bem recebida no país, incorporando-se o termo letramento nas políticas educacionais e nos estudos acadêmicos na área.

Para a professora da UNIFESP Cláudia Vóvio, o modo de considerar o letramento proposto por Magda traz à tona ainda outras problemáticas: “de quais letramentos a escola tem se ocupado? De quais letramentos a escolarização deveria se ocupar? De acordo com vários estudos, a prática escolar e pedagógica de apenas presumir os letramentos adequados ou que devem ter lugar nessa instituição é problemático.” A professora esclarece que isso significa que as escolas devem considerar as experiências de vida dos estudantes que vão além das instituições de ensino e buscar estabelecer ligações entre os “letramentos locais e globais”, adaptando-se à realidade dos alunos e não exigindo o caminho contrário. E essa foi a luta de Magda em grande parte de sua trajetória, como professora e pesquisadora: a batalha por um sistema de ensino que leve em conta os mais diversos cenários sociais que existem no país e não puna crianças que são menos privilegiadas com uma forma de educar que não condiz com o contexto social do qual elas fazem parte. Magda teve a oportunidade de colocar tais ideias em prática, aproximando a academia e a escola, no projeto que realizou em parceria com a Rede Municipal de Educação de Lagoa Santa-MG e que descreve com detalhes em seu último livro publicado *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* (2020).

Nas suas pesquisas e publicações, Magda Soares desafiou concepções tradicionais sobre alfabetização e trouxe à luz questões até então negligenciadas no ensino da escrita, mas que provam ser essenciais para se chegar a uma educação igualitária e de qualidade para todos. Sua visão para além de seu tempo e sua atuação tanto no campo teórico quanto no prático foram fundamentais para que o letramento seja hoje compreendido dentro de uma perspectiva social, cultural e política, com uma educação que almeja promover a cidadania e a participação ativa na sociedade.

Mesmo que o país ainda não tenha alcançado o sucesso na alfabetização e letramento da população, como sempre desejou Magda, seu trabalho continua a inspirar educadores e pesquisadores na direção de compreender e discutir os diversos letramentos que fazem parte da educação brasileira e que podem levar à construção de um sistema de ensino mais justo e inclusivo.

Os textos através de Magda Soares

*“SE POR UMA BEBO OS ARES
— E ESSA É MAGDA BECKER SOARES —” - MANUEL BANDEIRA*

por Davi Alfeu

Quem andava pelos corredores da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais nos tempos de Magda Soares, provavelmente não se surpreenderia em ver a educadora percorrendo as estantes da biblioteca ou lendo um novo livro em seu escritório. Professora de língua portuguesa e escritora prolífica, não é nenhuma surpresa que seu amor pela leitura transbordasse na sua vida profissional.

INSPIRAÇÕES

Ricardo Miranda, ex-bibliotecário da FaE-UFMG e amigo de Magda, fala sobre como ela passava muito de seu tempo naquele espaço, “lendo ou escrevendo um artigo novo”. “Dizia que, como ninguém sabia que ela estava ali, não podia ser incomodada.” De fato, Miranda também recorda que a professora tinha uma familiaridade com o ambiente da biblioteca que poucos possuíam: “Tinha uma visão clara de sua organização e da classificação do conhecimento humano”, e completa: “Muitas vezes sugeria uma mudança na classificação recebida numa obra ou pedia para acrescentarmos um assunto que havia passado despercebido na indexação.”

Ricardo relembrou também como Magda fazia sugestões sempre que necessário. Quando fazia pesquisas em uma área não tão difundida ou em um tópico novo na comunidade acadêmica, “nos procurava e explicava a sua demanda na linguagem mais acessível possível a nós [da biblioteca], e depois indicava escritores em diversos idiomas”. Esse conhecimento quase enciclopédico é o resultado de uma paixão pela leitura que acompanhava a professora desde muito cedo. Quando mais jovem, pretendia seguir uma carreira na área das ciências exatas, mas mudou de ideia ao se encantar com as aulas de português da professora Ingrid Leão, que a ajudou a se preparar para o vestibular. Virou então estudante de graduação em Letras Neolatinas na UFMG, mesma universidade em que mais tarde viria a lecionar.

Nutriu, então, um amor pela docência que perdurou durante toda a sua trajetória, destaca Miranda. “Ela tinha uma generosidade imensa com os alunos e os funcionários. Falava que sua vocação era ser professora”. Era comum ver filas de alunos do lado de fora do seu gabinete na FaE, mesmo aqueles que não eram seus orientandos. Sempre estava disposta a dar um conselho ou uma certa recomendação de livro.

O COTIDIANO DE UMA LEITORA VORAZ

Seu carinho pela leitura não se limitava apenas à sua vida profissional. Pelo contrário, Magda continuou uma leitora voraz mesmo depois de sua aposentadoria. Sua filha Márcia Guimarães Soares conversou com o Letra A e revelou um pouco sobre como era a rotina da sua mãe. Assim que acordava, durante o café da manhã, lia pelo



Foto: Acervo Ceale

menos “três jornais nacionais e uma revista internacional”. No seu escritório, onde passava a maior parte do dia “cercada de livros”, pesquisava novos artigos na internet e estudava livros técnicos. Era também o horário do dia que separava para responder e-mails e realizar entrevistas remotas, sempre muito requisitada.

Antes de dormir, guardava um tempo para se dedicar aos contos e romances. Quando questionada sobre algum favorito, Márcia afirmou que “ela não tinha um ou outro autor preferido; eram muitos, tantos que se torna difícil destacar algum”. Porém, admitiu que talvez fosse Paulo Freire por quem Magda nutria mais respeito e admiração. Com certeza, o impacto de Freire na obra e carreira da educadora não pode ser mensurado. Ricardo Miranda nos diz que ela tinha um carinho especial com a bibliografia de Guimarães Rosa.

INTERTEXTUAL

É poético, então, que alguém com tanto amor pelas palavras também tenha ela mesma inspirado outros trabalhos escritos. Além das inúmeras obras acadêmicas que fizeram uso das ideias de Magda, podemos citar Manuel Bandeira, que, em seu “Poema de Duas Magdas”, de 1948, lhe fez uma homenagem. Posteriormente, Fernando Sabino também fez referência a ela em “A Última Flor do Lácio”, uma crônica em que descrevia um novo tipo de sala de aula nos anos de 1970 (diferente das de ensino rígido e tradicional a que estava acostumado) e que utilizava um dos livros de Magda no ensino de português.

O livro em questão era provavelmente “Comunicação em Língua Portuguesa”. Sua publicação ajudou a revolucionar o ensino da língua no Brasil e, como colocado pelo próprio Sabino, era uma tentativa de “tirar a camisa de força que tolhia o ensino do Português”. Anos depois, em 1990, Magda republicou o “Português Através de Textos”, talvez o mais popular entre os seus livros didáticos, que tinha objetivos semelhantes. Fazia isso ao se utilizar a diversidade de textos para ensinar com exemplos noções de gramática e sintaxe (colocando em prática a sua definição de letramento, que englobava o contexto das práticas sociais de leitura e de escrita e suas aplicações cotidianas).

Magda teve uma carreira muito bem sucedida também como escritora, com uma bibliografia extensa. Além dos livros didáticos, ela tem obras que merecem destaque, como *Linguagem e Escola: uma perspectiva social* (1986) e *Alfabetização: a questão dos métodos* (2016), livro vencedor do Prêmio Jabuti em 2017 na categoria “educação e pedagogia”. E a verdade é que ela nunca se aposentou como escritora, já que em 2020 publicou “Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever”, baseado nas suas experiências trabalhando em conjunto com professores da rede pública do município de Lagoa Santa, além de ter deixado um outro livro incompleto, no qual trabalhou enquanto pôde. O trajeto até a publicação era metódico, Márcia conta. “A escrita de um livro era feita com inúmeras e minuciosas pesquisas. (...) Ela comprava muitos livros, buscava artigos na internet, pedia a opinião de especialistas de sua confiança. Estudava incansavelmente durante todo o processo, que às vezes durava alguns anos”.

Ao longo de toda sua vida, Magda sempre demonstrou respeito e carinho com a palavra escrita. Quando falava sobre como a leitura impactou sua mãe, Márcia declarou: “Em todos os sentidos, o tempo todo, desde o dia em que ela aprendeu a ler até o fim de sua vida. Seu maior medo era perder a visão e não poder mais ler. Felizmente, isso não aconteceu.”

Com uma produção intelectual que sempre será referência na área da educação, Magda também deixa um imenso legado pessoal. Ricardo Miranda lembra que, quando a professora foi agraciada com o título de Professora Emérita pela UFMG, ela disse: “Posso viver sem o ‘Emérita’, mas o ‘Professora’ é essencial”.



Foto: Acervo Ceale

Projeto Alfalettar: uma bússola a orientar a alfabetização e letramento em Lagoa Santa/MG

POR JANAIR CÂNDIDA CASSIANO*



Foto: Acervo Pessoal

Era segunda-feira, início de tarde, lá estava ela, sentada em sua varanda a me esperar. Eu entrava pelo pequeno portão, atravessava o jardim, subia os poucos degraus da escada, enquanto ela se levantava e vinha ao meu encontro lentamente. Segurava nos meus braços com firmeza, olhava nos meus olhos com vivacidade e puxava-me para um abraço demorado, afetuoso e silencioso. Sim, silencioso, porque tem abraços que não precisam de palavras.

Ficávamos ali, tomando um cafezinho com pão de queijo e biscoitos de polvilho, apreciando e comentando sobre a beleza da lagoa à nossa frente, os pássaros que se banhavam na pequena fonte do jardim, cercada de suas flores prediletas: margaridas brancas. Sim, essa delicada flor era a preferida de Magda. Peço licença para ressaltar esse fato, pois essas flores se destacam pela singeleza das formas e revelam uma simplicidade única. Assim sendo, por si só, estes dois adjetivos – singeleza e simplicidade – já trazem uma ideia da relação entre Magda e as margaridas e de Magda comigo e com tantas outras pessoas. *Margarida*: palavra de origem latina “*margarita*” que, por sua vez, vem do grego “*margarites*” e significa “*pérola*” e anteriormente do persa “*murvarid*”, “*murwari*”, que originalmente significava “*criatura de luz*”. Para os romanos, essa flor se chamava “*solis oculus*”, ou seja, “*olhos de sol*”. Nenhuma outra flor representaria tão bem Magda Soares

quanto as margaridas.

Nesse cenário de contemplação, Magda Soares e eu iniciávamos o primeiro momento dos encontros semanais que realizávamos em Lagoa Santa-MG. Discutíamos os assuntos e planejávamos os seminários com as professoras representantes do Núcleo de Alfabetização e Letramento, também na mesma tarde. Assim, retorno há 15 anos, para explicar como teve início o Projeto Alfalettrar – idealizado, criado e conduzido por Magda até o seu falecimento.

No ano de 2007, a Secretaria de Educação de Lagoa Santa, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, convidou Magda Soares para dar consultoria à rede municipal, pois as avaliações externas na área da alfabetização demonstravam baixa qualidade de ensino. Recém-aposentada, Magda viu ali a chance de pôr em prática um projeto pessoal de voltar à escola pública, quando se aposentasse. Tinha o sonho de trabalhar numa rede pública com todas as escolas ao mesmo tempo. O desejo da educadora era dialogar as teorias estudadas na faculdade com a prática do professor, no chão da escola.

Após conversas com a equipe da secretaria, definiu-se que o ideal seria criar um núcleo de estudos formado por um representante de cada escola. Esses representantes seriam professores escolhidos por seus pares, nas escolas. Assim, o Projeto Alfalettrar foi sendo construído passo a passo com a colaboração de toda a rede. A muitas mãos, sempre orientado por Magda, foi criado um currículo com metas de aprendizagem de Língua Portuguesa para cada ano da Educação Infantil ao 5º ano. Junto aos professores, essas diretrizes são revistas regularmente.

As professoras representantes de cada escola (atualmente 25) e Magda se reuniam toda segunda-feira para refletir sobre situações e dificuldades levadas pelas representantes. Em grupo, Magda e as professoras buscavam dialogar os conhecimentos teóricos com a prática cotidiana no ciclo de alfabetização. Para Magda, *“a articulação entre teoria com a prática não é falar da teoria e depois praticá-la. Também não se trata de observar a prática e construir uma teoria. As duas são inseparáveis”*.

O que tínhamos antes do Projeto Alfalettrar era a teoria que “aprendíamos” nas faculdades versus a prática na sala de aula e, para nosso desespero, em vários momentos, as duas não casavam. Os professores queriam receitas prontas sobre o que fazer, e os cursos de formação acreditavam que tinham preparado esses professores para atuarem nas salas de aula. Magda, como uma bússola, (re)direcionou nosso foco: em vez de pensar *“o que faço?”*, *“como alfabetizo?”*, pensar: *“como a criança aprende?”*.

Os professores entenderam que só poderiam alfabetizar se compreendessem o processo de aprendizagem das crianças. Para Magda, a pergunta certa a se fazer é *“como a criança aprende?”*, porque dela concluímos tudo mais: *o que fazer, como fazer e quando fazer*.

O caminho construído ao longo de 15 anos é uma rede, isto é, uma comunidade colaborativa, em trabalho permanente. Não é um milagre que acontece da noite para o dia. Houve momentos realmente muito difíceis, mas persistimos. O Projeto Alfalettrar, hoje, é uma realização de todo o grupo de educadores.

Retomando os seminários semanais — que mesmo não sendo aulas ou um curso, recebe esse nome — as discussões giram em torno dos temas, desafios, possibilidades que as representantes trazem das escolas e o que propomos, relacionando as práticas com as teorias. As professoras que participam dos seminários são responsáveis por disseminar os aprendizados com seus pares, nas escolas, com o objetivo de adequar as propostas com base no acompanhamento do desenvolvimento dos alunos.

A rede se reúne, mensalmente, conforme previsto em calendário, para compartilhar os estudos coletivos que são realizados no Núcleo. Cada encontro, chamado de Repasse, tem uma apresentação de um tema trabalhado naquele mês. Esses momentos mensais de desenvolvimento profissional fazem com que tenhamos uma ação pedagógica bem fundamentada para a construção das aprendizagens.

Poderiam questionar: o Projeto Alfalettar é um método? Não é um método porque não é um caminho definido passo a passo. Seus princípios são: *integração, continuidade, sistematicidade e acompanhamento*. Orientamos a aprendizagem da criança para a alfabetização e letramento, com clareza das ações do professor frente ao processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

O Projeto Alfalettar tem como ação, considerada importantíssima, que todas as escolas possuam uma biblioteca infantil. Temos como uma das prioridades enriquecer e manter o acervo atualizado com bons títulos. As bibliotecas são espaços acolhedores com opções variadas de gêneros textuais. Arelada às ações literárias desenvolvidas nas bibliotecas e salas de aula, acontece nos anos ímpares a exposição Alfalendo, na qual são expostos trabalhos literários realizados pelos alunos e professores. Nos anos pares, ocorre a exposição Paralfalettar, com jogos e procedimentos didáticos confeccionados pelos professores com foco na alfabetização e letramento das crianças. Essas exposições são ações mediadas pelo Núcleo de Alfabetização e Letramento e transcorrem em anos alternados no mês de setembro.

O acompanhamento da aprendizagem — outra ação do Projeto — é realizado por meio de diagnósticos permanentes, três vezes ao ano, buscando verificar a aprendizagem de habilidades específicas. Os resultados são analisados nas escolas e por toda a equipe do Projeto Alfalettar para pensar nas intervenções pedagógicas na sala de aula, na escola como um todo e na rede, além de fazer ajustes nos planejamentos individuais e ações coletivas. É uma construção coletiva e compartilhada por todos.

Uma bússola aponta sempre para o norte, não importa onde estiver, mas não orienta sobre as várias intempéries que são encontradas pelo caminho. Foram muitos os obstáculos de diferentes frentes de batalha, mas, sem dúvida alguma, ter Magda como nossa bússola orientadora nos amadureceu e nos fortaleceu como profissionais, porque juntos enfrentamos as adversidades. A educadora também criou, em cada professor, a cultura de rede com sintonia e integração entre todas as escolas.

Magda, professora, amiga, grande mestra da alfabetização. Conheceu o seu ofício e cumpriu-o com magnitude ímpar, deixando ao Núcleo de Alfabetização e Letramento a responsabilidade da continuidade do Projeto Alfalettrar, tão claramente apresentado no livro *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Essa ação educativa de formação em desenvolvimento é a realização do seu/nosso sonho, vivido e concretizado nos seus últimos quinze anos de vida, dedicados aos professores e alunos da escola pública.

A mestra teve como meta de vida o compromisso social com a Educação. Será sempre uma bússola para cada educador que acredita que toda criança pode aprender a ler e a escrever. Magda possuía a delicadeza e a simplicidade das margaridas, “*criatura de luz, olhos de sol*”, enxergava além do seu tempo e teve a coragem de trilhar seu caminho do seu jeito, assumindo as consequências de seus ideais, enfrentando tudo, sem se acovardar. Viveu uma vida plena, experimentando, “*fazendo do seu jeito*”, vivendo o seu propósito, o seu sonho, sua utopia de vida – como costumava dizer.

Iniciei este texto apreciando a paisagem do jardim e da lagoa que Magda tanto amava. Terminei devolvendo-a, após o nosso último Seminário, ao aconchego da sua casa, que orgulhosamente pertenceu a seus pais. Agora posso imaginá-la sentada em sua poltrona, lareira aquecendo o ambiente, um copo de um bom whisky, lendo um capítulo do livro que adorava: *O Pequeno Príncipe*, embalada pelo som de uma de suas músicas preferidas *My Way*, de Frank Sinatra.

Sim, querida Magda, você fez tudo do *seu jeito*... e melhor jeito não teria!

Com esta imagem, eternizo você na sua segunda casa: Lagoa Santa. Quando a saudade apertar, olharei para as margaridas e sentirei seu afetuoso e silencioso abraço!

* COORDENADORA DO NÚCLEO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE LAGOA SANTA - MG

“Sua produção acadêmica seguirá imortal, germinando pelas escolas de todo país, no combate ao analfabetismo.

Para nós, a professora Magda Soares será eterna!”

Equipe diretiva e professores da E.M. Sebastiana Gonçalves Pinho - Niterói/RJ

“Uma marca fundamental para quem atua na formação de crianças e de suas professoras e seus professores que a Professora Magda teve em abundância foi a generosidade de compartilhar o que estudou, descobriu e elaborou, a fim de incidir num tema e campo tão fundamentais para a área da Educação.”

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil - UFPR

“Somos alimentados pela certeza de que a boa escola pública, aquela com que sonhamos, é possível. E que o velho e bom combate, para que essa escola vire realidade, vale a pena.

Com você aprendemos maravilhas, sempre. E, desde o século passado, quando nosso grupo ainda estava se constituindo, já fazíamos parcerias com o CEALE-UFMG e compartilhávamos seus ensinamentos, que continuaram a ser seguidos até os dias atuais.”

CEEL-UFPE

“Fui sua aluna no curso médio em 1954 e foi você quem me incentivou no caminho das letras. Tenho até hoje o livro com que me presenteou ao final do ano como melhor aluna da turma: *A mulher imortal*, de Irving Stone.

Grande mulher, grande professora, grande pesquisadora.”

Magda Velloso

“A professora Magda Soares é exemplo, é inspiração, é referência hoje e sempre!

Gratidão, professora Magda Soares!”

Maria Elisa de Araújo Grossi

“Gratidão pela chance de ter aprendido com sua enorme sabedoria, generosidade e paciência. Gratidão à vida que me permitiu estar no mesmo tempo histórico em que viveu essa grande mulher. Que, no tempo que me resta, eu possa honrar o que aprendi com você, Divina.”

Mônica Correia Baptista

“Como falar de uma pessoa que se foi no dia em que milhões de brasileiros acreditam e acreditarão que nossos filhos, netos e bisnetos possam ter uma educação de qualidade em nosso país? Essa foi, é e sempre será Magda Soares, que escolheu o dia 01/01/2023 para nos dizer de uma forma mais intensa para não nos esquecermos de seu compromisso que agora é nosso: *toda criança pode aprender a ler e a escrever*. Vamos levar adiante o seu legado.”

Francisca Maciel

“Sou muito grata à Magda por todos os momentos de convívio, por palavras e gestos, pela fina ironia com que analisava a complexa realidade brasileira sem perder a resiliência e a esperança! Ela engrandeceu nossa UFMG e iluminou nossas vidas.”

Ana Lúcia Gazzola

“Deixa-nos um legado de solidariedade, ética e competência inestimáveis. Obrigada pela sua existência perto de nós, na FaE-UFMG, na Anped e em vários eventos nos quais sua presença sempre foi marcante, pelos corredores, pelos auditórios e anfiteatros, pelas salas de aula. Não havia dia em que ela não estivesse por perto.”

Maria Rita Neto Sales Oliveira

“Linguagem é instrumento valioso, linguagem é poder. Não quero usar, aqui e agora, palavras findas e no pretérito. Magda não partiu, não nos deixou. Magda fica! Encantada, eternizada, plena de sentidos para cada pessoa, cada grupo, cada instituição que se curva à sua grandeza.

Fica o que significa. E nenhuma outra palavra ou imperativo verbal pode mudar essa consistência. Fica!”

Maria das Graças de Castro Bregunci

“Fui aluno da Magda e ela me ensinou o sentido daquela já consagrada frase de Guimarães Rosa: “Professor é quem de repente aprende”. Até hoje, quando aprendo alguma coisa nova, a imagem sorridente de Magda Soares vem à minha memória afetiva. SAUDADE desta grande Mestra!”

Antônio Sérgio Bueno

“Magda, agradeço também pelo insondável de sua presença, pelo que não pude compreender e, talvez, nunca compreenda. Pessoas de tamanha grandeza como você deixam marcas de amor pela vida e o que nela há de humano. Deixam marcas de esperança em um mundo melhor. Ensinam o compromisso com a luta pelo mais justo, igualitário nas oportunidades do aprender, ser e viver. Seguirei, seguiremos, ora sem compreender ao certo, ora limitados pela nossa pequenez, ora iluminados por sua sabedoria, na direção que você nos apontou.”

Maria Lucia Castanheira

“Uma vida foi pouco para que Magda visse todas as mudanças que sonhava, mas as ideias, os sonhos e as esperanças que deixou são indelévels e vão inspirar muitas gerações!”

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

“Magda será sempre uma referência de educadora disponível, sensível e presente de forma tão potente na pesquisa, no ensino e na extensão. Seu engajamento e sua dedicação na formação de docentes das escolas públicas e, principalmente, na valorização dos saberes docentes são um legado para nós.”

Daniela Montuani

“Magda tinha o dom de inaugurar. Não pela simples novidade, mas por seu obstinado compromisso com a educação que dirigia seu olhar para o essencial.

Nos últimos anos, imagino o quanto deve ter sentido com o desmonte de políticas públicas, com os atos descabidos do MEC e, sobretudo, com as crianças que sofreram as consequências de um “desgoverno” que ignorou tudo o que veio antes. Magda nos deixa num momento de renovação de esperanças e seu nome será sempre referenciado e reverenciado por nós. Como não poderia deixar de ser, todo esse contexto adverso a fortaleceu, transformando-se em exemplo de perseverança. Reuniu energias para participar de inúmeras lives e entrevistas, e enfrentou com determinação a pandemia e o caos político que se instalaram no país, insistindo naquilo que sempre defendeu: a inclusão social por meio da leitura e da escrita.

Para nós, fica a força da palavra que, como Magda bem soube usar, estará sempre viva.”

Zélia Versiani

À maneira de Magda Soares

*Por Carlos Augusto Novais**

Aos que não aprenderam,
ainda, quando se consente.

Da exclusão, nem todo negro,
mas sempre um negro!

Da exploração, nem toda mulher,
mas sempre uma mulher!

Sim, não se nasce igual,
torna-se diferente!

Aos que não aprenderam,
ainda, quando se é miragem.

Da ilusão, nem toda ideologia,
mas sempre uma ideologia!

Do fracasso, nem toda deficiência,
mas sempre uma desigualdade!

Sim, não se nasce livre,
torna-se linguagem!

Aos que não aprenderam,
ainda, quando se cuida.

Ser diverso não é todo combate,
mas sempre uma luta!

Ser sempre não é todo sentido,
mas sempre um projeto!

Sim, não se nasce feito,
torna-se cultura!

Aos que não aprenderam,
ainda, quando arde.

Não bastam todos os versos,
mas sempre um poema!

Não vale todo o fingir,
mas sempre uma poesia!

Sim, não se nasce chama,
torna-se arte!

Aos que não aprenderam,
ainda, quando se diz:

A escola é o que a escola é
capaz de fazer!

A língua é o que a língua é
capaz de inventar!

Sim, não se nasce sabendo,
torna-se aprendiz!

Aos que, outrora, não aprenderam,
ainda há tempo: agora!

**Professor Associado do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG*